

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JORGE LUIZ SANTANA

ROMPENDO BARREIRAS: ENEDINA, UMA MULHER SINGULAR

CURITIBA

2013

JORGE LUIZ SANTANA

ROMPENDO BARREIRAS: ENEDINA, UMA MULHER SINGULAR

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em História - Memória e Imagem do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em História - Memória e Imagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Roseli Boschilia.

CURITIBA

2013

*À minha família tão distante e tão próxima e, em especial,  
ao amor da minha vida “Bacana”, inspiração  
constante para a continuidade do curso.*

*À Thelícia Moralez, agradeço e dedico este trabalho  
com muito carinho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora Doutora Roseli Boschilia, minha orientadora, sempre presente com um conhecimento e saber que ultrapassa os limites da educação formal e, sobretudo, por ter me auxiliado durante dois anos da minha trajetória acadêmica de pesquisa.

Ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiro da Universidade Federal do Paraná pelos três anos pesquisa e ao mesmo tempo na construção da identidade negra que me possibilitou pensar o meu objeto com mais propriedade. Em especial, agradeço ao Professor Marcos Silva da Silveira, Maria Clementina Menghini e ao grupo de estudos: Roberto Jardim, José Marçal, Débora Araújo, Edson Barbieri, Jules Ventura, Tânia Pacífico, Solange Rosa, Maria Patrícia Oliveira, Wellington Oliveira, Sérgio Miguel, Sérgio Nascimento, Hilton Costa, Viritiana Almeida, Augusto Alves, Priscila Souza, William Barbosa e ao coletivo dos estudantes negros da UFPR.

À Casa dos Estudantes Luteranos Universitários pela moradia e a prática diária do espírito de coletividade, às minhas “véias”: Shelbert Braz, Luan Koroll e, aos amigos Sunday Worou, Williams Ofori, Rodrigo Simas, Uéliquis José da Silva e Ualisson Ribeiro.

Aos funcionários da UFPR: Departamento de História, Serginho, Sandra, Isabelle, Marilene, Professora Doutora Joseli Mendonça; Setor de Tecnologia, Salete e Professor Mauro Lacerda Filho; Pró Reitoria de Assuntos Estudantis, Cintiani von Lasperg, Silvia Maria Amorim Lima, em especial Adriana Garcia Stefani.

A Fundação Araucária parceira do NEAB/UFPR pelo financiamento nos projetos de pesquisa.

Aos parceiros que colaboraram com uma farta documentação e troca de informações: Ana Lygia Czep, Sandro Fernandes, Gladisson Silva, Marcello Polinari e Amore Indio do Brasil Arantes.

Aos meus mais que colegas: Daiane Thiele, Emerson Silva, Lunardo Lima, Vivasvan Prado, Daniel Kosloski e, principalmente a “baixinha” Laís Cândida Ferreira por compartilhar da sua inteligência e sabedoria ao longo da minha trajetória em Curitiba.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da curitibana Enedina Alves Marques, nascida em 1913, a primeira mulher a concluir o Curso de Engenharia no Paraná. A proposta da pesquisa é desvendar, enquadrar e dar manutenção à sua memória ao analisar o seu curso de vida. Ao mesmo tempo, busca-se também fornecer um exame sobre os dados qualitativos e quantitativos da sua trajetória na Faculdade de Engenharia do Paraná, no campo profissional e na sociedade. A pesquisa possui um embasamento teórico-metodológico com discussões e argumentações sobre a História Cultural e a Micro História pensadas a partir de Peter Burke, Roger Chartier e Geovani Levi. A Biografia é usada aqui como ferramenta metodológica tendo como referências François Dosse, Levi e Pierre Bourdieu, e o uso do Gênero como categoria de análise historiográfica por Joan Scott. A pesquisa evidenciou mostras de tratamento hierarquizado nas diferentes instituições pelas quais Enedina passou, seguindo um padrão normativo de classe social, etnia, gênero e relações de poder.

Palavras Chave: Biografia, Engenharia Enedina, Memória e História, Gênero, Etnia.

## **ABSTRACT**

This work has the objective to analyze the trajectory of engineer Enedina Alves Marques, who was born in Curitiba, in 1913, being the first woman to end course at Engineering. The main purpose of research is to reveal, framing and giving maintenance to her memory at analysis of your course of life. At the same time, also to seeks to provide examination about the quantitative and qualitative data about the progress of her career in the faculty of \Engineering of Parana, in the professional and social field. The research has theoretical and methodological basement with discussions and argumentations about the thinking of Cultural History and Micro History, with basis on studies of Peter Burke, Roger Chartier and Geovani Levi. The Biography is used like a methodological tool, with references such as Fracois Dosse, Levi and Pierre Bourdieu and use of gender as category of historical analysis by Joan Scott. The research showed the results of hierarchical treatment in the different institutions by which Enedina was present, according a standard norm of class, ethnicity, gender and power relations.

Keywords: Biography, Engineer Enedina, Memory and History, Gender, Ethnicity.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 ABORDAGENS METODOLÓGICAS E O CONTEXTO CURITIBANO .....	13
1.1 BIOGRAFIA .....	14
1.2 DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA CULTURAL E A MICRO HISTÓRIA .....	15
1.3 CURITIBA : TRANSFORMAÇÕES RUMO AO PROGRESSO .....	17
1.4 A GÊNESE DO POVO PARANAENSE .....	18
1.5 CADINHO DE NACIONALIDADES .....	20
1.6 ECONOMIA URBANO INDUSTRIAL .....	22
1.7 A CIDADE SE MODERNIZA .....	23
2 ENEDINA ALVES MARQUES .....	26
2.1 A FAMÍLIA MARQUES, O LUGAR DE AFEIÇÃO .....	27
2.2 OS PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS POR ENEDINA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA .....	28
2.3 TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE ENEDINA .....	32
2.4 HISTÓRICO DA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PARANÁ .....	34
2.5 TRAJETÓRIA NA FACULDADE DE ENGENHARIA .....	36
2.6 PRECONCEITOS ACADÊMICOS .....	40
2.7 ANÁLISES DA PESQUISA .....	42
3 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE ENEDINA .....	47
3.1 POR QUE SER ENGENHEIRA? .....	49
3.2 TRAJETÓRIA DA PRIMEIRA ENGENHEIRA DO SUL DO BRASIL .....	51
3.3 A CARREIRA PROFISSIONAL DE ENEDINA COMO ENGENHEIRA .....	52
3.4 RETALHOS DAS MEMÓRIAS DE ENEDINA .....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
FONTES .....	66
LOCAIS DE PESQUISA .....	66
TIPOLOGIA DAS FONTES .....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	70

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da curitibana Enedina Alves Marques, nascida em 1913, a primeira mulher a concluir o Curso de Engenharia no Paraná. A motivação para esta pesquisa surgiu durante o curso de graduação quando soube que, embora tenha sido uma pioneira ao inserir-se, já na década de 1940 em uma área profissional ocupada majoritariamente por homens, pouco se escreveu sobre a sua trajetória como aluna da Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP). Intrigado com este silêncio, decidi ir em busca de informações sobre Enedina e passei a me perguntar o porque do desinteresse em dar visibilidade a uma pessoa que desafiou os padrões acadêmicos e sociais escolhendo uma profissão pouco usual para as mulheres. O fato de ser negra e originária de uma família pobre teria sido relevante para que ela permanecesse no anonimato?

O empreendimento possui ainda como proposta desvendar, enquadrar e dar manutenção à memória de Enedina ao analisar o seu curso de vida, a sua biografia. Igualmente, fornecer um exame sobre os dados qualitativos e quantitativos em sua trajetória na Faculdade de Engenharia do Paraná, no campo profissional e na sociedade. Ao perceber os embates presentes nos processos de enquadramento da memória de Enedina Alves Marques, em termos de investimento, a pesquisa poderia solidificar a lembrança da mesma, assim como do grupo de mulheres negras acadêmicas excluídas e/ou invisibilizadas na sociedade? E, paralelamente, efetuar um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade e de continuidade das tais memórias. Segundo Michael Pollak “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, pp. 200-212).

Antes de iniciar o trabalho, gostaria de relatar os motivos que levaram à escolha de Enedina Alves como objeto desta monografia. Acadêmico do curso de História - Memória e Imagem na Universidade Federal do Paraná, iniciei pesquisa no NEAB/UFPR com o Professor Marcos Silva da Silveira do Departamento de Antropologia, nos estudos das Memórias dos Cotistas Raciais da UFPR, - O Poder dos Símbolos e os Símbolos do Poder.

Durante as leituras recomendadas e vivência com outros bolsistas que narravam as suas trajetórias de vida, em sua maioria alunos cotistas raciais, mesmo ocorrendo discussões que provocavam a construção de uma identidade negra, reconheci neles a ausência de referências de personalidades negras nas famílias e a invisibilidade deste grupo no estado paranaense. Percebi o incômodo proporcionado a eles - nós - pela falta destes sujeitos com

relevância social, e pelo reduzido número dos negros no espaço acadêmico, sobretudo entre os professores<sup>1</sup>. A partir daí busquei pessoas negras com destaque graduadas na UFPR, por entender a universidade como um espaço de produção do conhecimento e, também, notoriedade e ascensão social.

O Professor Magnus Pereira<sup>2</sup> foi a primeira pessoa a trazer informações a respeito de Enedina nesse estudo. Encontrado por mim no corredor de frente à sua sala, 608, no DEHIS, foi perguntado sobre personalidades acadêmicas negras do Paraná, fez um pequeno esforço da memória e falou sobre a amizade que uma tia tinha com Enedina Alves Marques. Intriguei-me o fato de que, independente do gênero, classe social, condição econômica ou familiar, a experiência da inserção, passagem, de poucos negros na UFPR fosse um acontecimento que parecia normativo, ou seja, que regulava e controlava o subsistema operativo da instituição, no primeiro momento.

A problemática proposta nesta monografia é desvendar, refletir e compreender o que parecia fato comum, por ser a universidade um espaço para construir, fomentar e disseminar o conhecimento: por que, de modo geral, as mulheres negras acadêmicas durante a sua vida não tiveram a visibilidade ou notoriedade que, normalmente, os homens e as mulheres brancas tiveram? Quais os motivos que levaram Enedina como uma mulher, negra, de condição econômica e social menos favorecida, a buscar se inserir na Faculdade de Engenharia do Paraná? Como Enedina vivenciou a trajetória acadêmica? O que ela pensava sobre a trajetória no curso de engenharia? Até que ponto o discurso de um Paraná idealizado, europeizado, progressista, desenvolvimentista e moralizante, estabelecido a partir da sua elite e do Estado Novo, que projetava, em grande medida, a mulher à domesticidade, refletiu-se no comportamento da acadêmica Enedina?

No primeiro momento, para conhecer e investigar a história de Enedina, foram realizadas leituras que auxiliaram como referência bibliográfica na análise da pesquisa empírica. Nestas, são observadas que a construção das suas reminiscências foi iniciada com os estudos sociológicos de Octávio Ianni, “As Metamorfoses do Escravo”, em Curitiba no final

---

<sup>1</sup> Ver artigo José Jorge de Carvalho, Confinamento Racial na Academia.

<sup>2</sup> Magnus Roberto de Mello Pereira se tornou professor na Guiné Bissau poucos anos após reconhecida independência da ex-colônia portuguesa, Costa Ocidental da África, posteriormente fez toda sua formação em História na Universidade Federal do Paraná, estágios de pós-doutoramento nas Universidades de Coimbra e no Instituto de Investigação Científica Tropical, em Lisboa. Professor da UFPR atua como pesquisador sobre Portugal e suas colônias, durante o Antigo Regime. Especializou-se nos temas das cidades e da administração urbana, integrante e fundador do CEDOPE - Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses na UFPR. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4786420T2>>, acesso em 02/06/2013 às 07h30min.

da década de 1950 com o auxílio da própria Enedina e de outros paranaenses (IANNI, p. 14, 1961).

Todo o esforço de dar vozes às mulheres, torná-las visíveis e incluí-las na história tradicional paranaense, continuou com Maria Nicolas, em sua obra “Pioneiras do Brasil” (NICOLAS, 1977, pp. 105-106), no qual dados biográficos de 100 mulheres que contribuíram com o desenvolvimento do estado foram pesquisados e, em grande medida, muitas delas eram desconhecidas da sociedade paranaense - dentre estas, a própria Enedina.

Neste sentido, com o objetivo de homenagear os 75 anos de fundação da FEP, Ildefonso Puppi fez uma referência a todas as mulheres dos cursos de engenharia da instituição até 1973. A partir da leitura do texto, é possível observar que, mesmo colocando Enedina entre as mulheres homenageadas, a visão sobre ela ainda traz uma ideia de favorecimento: “ela encontrou por parte dos colegas a solicitude e a colaboração que lhe facilitaram a conclusão do curso.” (PUPPI, 1986, pp. 122-123).

Ainda durante a fase de coleta de dados desta pesquisa, foram obtidas e utilizadas fontes orais a partir de depoimento e entrevistas com pessoas que se dispuseram a falar tanto sobre a vida de Enedina, quanto da sua própria vida. As memórias foram trabalhadas a partir do presente dos depoentes, entretanto elas são importantes no sentido de dar coerência às possíveis ambiguidades, lacunas, além de possibilitar contrapontos na pesquisa. Quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, instituídas e amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearranjos, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. (POLLAK, 1989, p. 7).

Adelino Alves da Silva<sup>3</sup>, em depoimento (2011), corrobora com memórias da sua trajetória ao lado de Enedina em diversos momentos dentro da FEP e, também durante a vida social e profissional de ambos. Elfrida Elisabeth Schierman Sickael<sup>4</sup> foi entrevistada (2011)

---

<sup>3</sup> ADELINO Alves da Silva, (1915-) foi a quarta pessoa negra a se diplomar no curso de engenharia da Escola de Engenharia do Paraná, 1947, antes dele, Otávio Alencar, 1918, Nelson José da Rocha, 1938, e a Enedina Alves Marques, 1945 haviam obtido o diploma do curso de engenharia civil no Paraná. Entretanto, em seu depoimento ele se coloca como o terceiro engenheiro negro formado no estado mesmo considerando somente ele e a Enedina como negros, já que os outros dois diplomados antes deles ele os consideravam pardos por serem filhos de pais brancos e negros. Em entrevista em 12 de abril de 2011 às 16:00h, realizada no Instituto de Engenharia do Paraná, (IEP), na Rua Emiliano Perneta 174, Centro, Curitiba-Pr.

<sup>4</sup> ELFRIDA Elisabeth Schierman Sickael, (1930-), é sobrinha de Iracema Caron, com quem Enedina conviveu desde 1935 até 1954. Elfrida teve o seu primeiro contato com a Enedina na casa da sua tia no Juvevê em 1937 e continuou amiga de Enedina até a morte da mesma em 1981. A casa de Iracema é o local onde Enedina trabalhou como doméstica e morou enquanto cursou engenharia civil e prosseguiu a viver mesmo depois de diplomada, em dezembro de 1945, a partir daí já na condição de amiga da família, morou até 1954 quando mudou de endereço para o Edifício Tijucas, no centro de Curitiba. Em entrevista concedida em 26 de novembro de 2011, entre 15:00h e 16:30h, na Rua Santa Madalena Sofia Barat 190, Bairro Alto, Curitiba-Pr.

no sentido de compor a cena material para resgatar outras análises do ambiente fora da academia e, nestas cobrir as lacunas do depoimento feito por Adelino e, para além disto, perceber de que forma as suas memórias, pela proximidade, se manifestam no sujeito Enedina. Eleny Heibel Goncho<sup>5</sup> foi entrevistada (2009) por Sandro Fernandes e Paulo Munhoz para o documentário “A Engenheira”<sup>6</sup>, com detalhes da vida social e doméstica de Enedina.

As fontes escritas foram obtidas em diversas instituições de Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná; Arquivos do Setor de Tecnologia da Universidade Federal do Paraná; Arquivos da Câmara Municipal de Curitiba; Arquivos do Colégio Estadual do Paraná; Arquivo pessoal do Professor Sandro Fernandes; Arquivos da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná; Arquivo Público do Paraná; Arquivo do Departamento de Estradas de Rodagem; Arquivo do Instituto de Engenharia do Paraná; Arquivos da Fundação Cultural de Curitiba e nos Arquivos do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Paraná.

No segundo momento, foram realizadas análises sobre o uso ou não da biografia como uma ferramenta metodológica e, também, a respeito do uso da mesma como gênero de construção historiográfica a partir das discussões promovidas entre Bourdieu (1998), Dosse (2009) e Levi (1996).

No terceiro momento, a pesquisa demandou uma discussão sobre a História Cultural. A mesma surgiu como uma alternativa à história política, a tradicional, àquela dos grandes feitos, assim a sua cronologia não é tão significativa e representativa como o é na história política. (BURKE, 2008, pp. 7-9).

Dessa maneira, é possível perceber que os processos fundados a partir da História Cultural envolvem relações que são estabelecidas entre a compreensão adquirida através da leitura dos livros, dos artigos, das fontes escritas, depoimentos, entrevistas e monumentos, as quais foram efetuadas neste empreendimento sobre a trajetória de Enedina.

A pesquisa possui um balizamento teórico ancorado nas discussões de gênero como ferramenta metodológica para análise histórica fundamentada nos estudos de Joan Scott. A história pensada pela historiadora não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e

---

<sup>5</sup> ELENY Heibel Goncho, (1938 – 2011), filha de Mathias e Iracema Caron, conviveu com a Enedina desde o seu nascimento em 1938 até 1954, sobrinha de Joto Ângelo Caron responsável pela acolhida de Enedina na família Caron. Eleny é afilhada de casamento de Enedina e teve a sua filha Mirella Goncho batizada também pela Engenheira. Em entrevista com vídeo para **Paulo Munhoz** e **Sandro Fernandes**: Documentário **A Engenheira**. Em 5 de novembro de 2009 na TECNOKENA – Curitiba.

<sup>6</sup> O documentário “A Engenheira” ainda não foi concluído. O material foi gentilmente cedido por Sandro Fernandes para este trabalho.

coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos. (SCOTT, 1990, pp. 5-22).

Devido à falta de força suficiente para integrar ou mudar os paradigmas históricos que privilegiam o sujeito masculino, Scott aponta para a necessidade de articular a noção de construção social com a noção de poder. “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1994, p. 13).

O desafio teórico da pesquisa é possibilitar fazer uma análise relacional entre experiências masculinas e femininas do passado, mas também, a ligação entre a história tradicional e as práticas históricas atuais. A primeira, aquela que se refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretá-los, explicá-los ou atribuir-lhes uma causalidade. A segunda, aquela que elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando como e porque assumem a forma que têm (SCOTT, 1990, p. 4).

A exploração dessa tese faz emergir uma história que oferece novas perspectivas às velhas questões e torna as mulheres visíveis como participantes ativas e estabelece uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixada do passado e nossa própria nomenclatura. Segundo Scott essa nova história abre possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e do futuro, porque ela sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também, a classe e etnia (SCOTT, 1990, pp. 5-22).

Neste sentido, também, é possível estudar a indiferença e a invisibilidade de Enedina contidas nos esquemas de natureza socioeconômico, cultural e étnico nas formas subjetivas e simbólicas implícitas e explícitas.

Os desafios para análises da pesquisa continuam com um engajamento e forjamento, não amalgamadas, nas categorias política e social, de classe e etnia, por dar a entender tratar-se de um assunto polêmico e, às vezes, paradoxal, visto que encontra receptividade e obstáculos entre um grande número de historiadores.

Destarte, é necessária uma discussão entre a Biografia, como ferramenta metodológica para a construção historiográfica, e a História Cultural que tem como objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Faz parte do debate, também, a Micro História por ser um gênero historiográfico onde estão enfatizados os valores das culturas regionais e dos conhecimentos locais. Esta, juntamente com a antropologia, dá à pesquisa uma alternativa de

ampliar do micro para o macro “as experiências concretas, individuais ou locais de reingressarem na história” (LEVI, in BURKE, 1991, pp. 97-119).

Peter Burke, ao historicizar e explicar o ofício do historiador cultural a partir das diferenças dos debates, conflitos, mas também dos interesses e tradições compartilhadas, considera complementares as abordagens difusas, amplas e opostas: uma preocupada em resolver os problemas internos da disciplina, e a outra, relacionada ao que os historiadores culturais fazem ao mesmo tempo em que vivem (BURKE, 2008, pp. 7-9). A história cultural é trabalhada intuitivamente, quantitativamente, em busca de significados, e ainda são focalizadas as práticas e representações. Logo, os seus objetivos podem ser vistos como essencialmente descritivos, ou como na história política pode e deve ser apresentada como uma narrativa.

No primeiro capítulo, abordaremos os caminhos teórico-metodológicos utilizados pela Biografia, História Cultural com as suas imbricações, Micro História e Gênero. Além disso, faremos uma discussão com diversos autores a respeito da cidade de Curitiba que se transformava a cada dia e pelos espaços por onde transitou Enedina Alves Marques desde a chegada dos seus pais, Paulo Marques e Virgília Alves Marques, no final do Século XIX até o seu ingresso na FEP em 1940. As abordagens contextuais de ordens socioeconômicas, culturais e políticas se fazem necessárias visto que as “notáveis mudanças” percebidas pelo cronista Nestor Victor, (1913, p. 114) e outros historiadores em solo paranaense, são extremamente relevantes para o contexto da pesquisa empreendida.

O segundo capítulo discutiu o caminho percorrido por Enedina Alves Marques desde o nascimento até a análise da sua trajetória no curso e diplomação em engenharia. Uma infância assinalada por uma família desagregada e influenciada para os estudos pela família do intelectual negro Domingos Nascimento. Depois, uma adolescência marcada pelo trabalho como criada de servir em paralelo com a alfabetização e a formação em professora normalista e seguir na fase adulta uma preparação para trajetória acadêmica na FEP.

No terceiro capítulo são analisadas às trajetórias profissionais nas quais Enedina Alves Marques se inseriu e, também, as memórias dos seus contemporâneos através das análises das fontes e suas evidências sob a luz das discussões apresentadas nos capítulos antecedentes.

## **1 ABORDAGENS METODOLÓGICAS E O CONTEXTO CURITIBANO**

## 1.1 BIOGRAFIA

É possível dar conta da realidade a partir do individual, entendendo a biografia como um gênero híbrido, misto de ficção e realidade? Ao compor uma imagem geral sobre a escrita biográfica, esta permite ao leitor uma visão mais ampla sobre a forma de escrever a história? É possível se fazer uma análise biográfica de um grupo através de um dos seus membros? Estas questões mostram o caminho a ser percorrido para o método e a reflexão que guia para além da conclusão da pesquisa a seguir. Portanto, o que se busca neste trabalho biográfico é uma história não totalizante, na medida em que não há a intenção de procurar enquadrar, seguidores ou não, às suas teses e objetivos.

Ao averiguar os momentos de maior ou menor força no uso das biografias e como seus construtores lidaram com os biográficos ao longo da sua existência, pesquisadores das diferentes áreas do saber defendem, ou não, o seu uso, e ainda, se a biografia já não é um gênero proscrito. Em grande medida, esta preocupação é dada por ser ela, a biografia, um gênero que participa do campo de escrita do historiador (LEVI, 1996, p. 167).

Conforme Pierre Bourdieu a biografia é uma ilusão e a sua crítica se faz necessária. A biografia deriva de uma nova literatura coerente e totalizante. O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que se entrega a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis (BOURDIEU, 1998, pp. 184-185).

O sociólogo pensa que tanto o sujeito quanto objeto da biografia tem, de certa forma, o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada. Logo, só se é possível atestar a identidade do sujeito como identidade socialmente construída, à custa de uma formidável abstração.

Ao tratar do mesmo gênero textual que faz parte do campo de escrita do historiador, Francois Dosse aponta para o contrário, e desafia que a biografia não é mais um gênero de texto a ser proscrito, ela é um gênero textual que participa do campo de investigação do historiador (DOSSE, 2009).

Dessa maneira, o historiador estabelece uma classificação das abordagens de uso da biografia pelos pesquisadores, expressa em três tipos: o heroico, o modal e o hermenêutico. O primeiro modelo, o heroico, é um gênero de filosofia moral, portanto é um discurso que inventa histórias, o que ele considera problemático para um historiador de hoje, pois o que se espera do “pacto biográfico” com o leitor são fatos autênticos, reais. O segundo modelo, o

gênero modal, reflete as categorias sociais do contexto e, por fim, o modelo hermenêutico, frequentemente utilizado na atualidade, traz a pluralidade sob os pontos de vista.

O historiador é contrário ao argumento de Bourdieu e considera que a biografia, hoje, é intrigante pela cientificação nas ciências sociais e, também, pelas transformações metodológicas ocorridas no fazer historiográfico nas últimas décadas.

Giovanni Levi ressalta que o fato da vida de um indivíduo poder ser ou não escrita é uma questão que levanta pontos importantes para a historiografia e, geralmente, se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes. As novas abordagens das estruturas sociais como a reconsideração das análises e dos conceitos relativos à estratificação e à solidariedade sociais induzem a apresentar ao historiador, de modo menos esquemático, os mecanismos pelos quais se constituem redes de relações, extratos e grupos sociais (LEVI, 1996, p. 167).

Quanto à classificação, Levi de maneira análoga a Dosse, estabelece uma tipologia das abordagens para o uso da biografia pelos historiadores expressas em quatro modelos: prosopografia modal, a de contexto, a de casos extremos e a hermenêutica.

A prosopografia modal é aquela que desperta interesses quando ilustra os comportamentos ou aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais frequentes; a de contexto é aquela que mostra que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico justificado; a de casos extremos é utilizada especificamente para esclarecer o contexto; e por fim, a hermenêutica é utilizada quando o material biográfico é intrinsecamente discursivo mas não traduz a totalidade de significados que pode assumir.

Levi não tem a intenção de por fim ao debate quanto ao uso da biografia na escrita historiográfica, ao contrário, o seu intento é o de debater alguns temas e ressaltar que as quatro orientações mencionadas têm em comum o fato de não passarem em silêncio por questões fundamentais.

Uma biografia para ser bem escrita, ela requer a imaginação do biógrafo, pois quaisquer que sejam as fontes, públicas ou privadas, sempre haverá lacunas o que obriga o biógrafo a inventar, construir hipóteses. A história é uma forma de escrita, e é dentro desta discussão historiográfica, pinçando discursos e significados que a trajetória de Enedina Alves Marques é narrada na pesquisa.

## 1.2 DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA CULTURAL E A MICRO HISTÓRIA

A história dos textos, dos livros e a história da leitura permitem ao historiador uma reflexão a respeito da natureza da história como discurso acerca da realidade e para, além disto, de como o historiador executa o seu ofício para compreender tal realidade. Ela deve ser apreendida, segundo Roger Chartier, como o estudo dos processos com os quais se estabelecem significados, já que as representações podem ser pensadas como: “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 16).

O período compreendido entre 1800 e 1950 é considerado por Burke como o da história cultural clássica. A ideia dos retratos de uma época está marcada pelos historiadores Jacob Burckhardt com os clássicos “A cultura do Renascimento na Itália”, 1860, e por Johan Huizinga em “Outono da Idade Média”, 1919.

A rigor, uma virada nos estudos culturais se iniciou ainda nos anos 1930. Nesse momento, em grande medida, houve uma fuga de estudiosos para os Estados Unidos. A influência dos cientistas, escritores, músicos, acadêmicos na América que até, então, trabalhavam com o conceito de civilização, mais que o de cultura mudou o polo dos estudos.

Uma consciência mais aguda da relação entre cultura e sociedade foi estimulada pelos estudiosos britânicos e norte-americanos. Trabalhos como os de história social foram produzidos em grande quantidade, sob a influência da sociologia e da antropologia. Os historiadores mais recentes influenciados por Thompson começaram a escrever história da cultura popular e encontraram uma contribuição dos historiadores ligados à publicação dos *Annales*, sobretudo Jacques Le Goff e Jean- Claude Schmitt.

Consequentemente, desta maneira, fez surgir novas maneiras de se fazer história cultural que pretendiam preencher as lacunas na abordagem clássica e/ou na marxista, em grande medida, devido ao diálogo com outras ciências da área de humanas, sobretudo a antropologia (BURKE, 1992, p.18). Portanto, a soma desta com a história da grande tradição e a abordagem marxista da história cultural levantaram problemas que foram ficando cada vez mais aparente ao longo dos anos (BURKE, 2008, p. 31).

Na década de 1970 um novo gênero histórico, a micro história, ascende como reação a certo estilo de história social que seguia o modelo da história econômica, caracterizada por métodos quantitativos e com tendências generalizantes, sem valorizar muito a variedade ou à especificidade da cultura local. A ampliação do estudo de caso com espaço para cultura, liberdade em relação ao determinismo social e econômico e, para os indivíduos, oferecidos

pelos antropólogos ampliou do micro para o macro, o que permitiu que as experiências concretas, individuais ou locais, reingressassem na história (LEVI, in BURKE, 1991, pp. 97-119).

As narrativas grandiosas do progresso também passam a sofrer reações da micro história já que as histórias triunfalistas omitiam, em grande medida, as realizações e contribuições de muitas outras culturas. Nesse novo gênero estão enfatizados os valores das culturas regionais e dos conhecimentos locais em contraposição ao, também, cânone dos escritores, ou pintores da arte ocidental (BURKE, 2008, pp. 60-61).

### 1.3 CURITIBA : TRANSFORMAÇÕES RUMO AO PROGRESSO

Ao discutir com diversos autores sobre o contexto da capital paranaense desde a segunda metade do século XIX até metade do século XX com todas as suas transformações urbanas, políticas, sociais e culturais na busca da sua civilidade, progresso, permite-nos perceber o local onde Enedina Alves Marques trilhou desde o seu nascimento em 1913 até o seu ingresso na Faculdade de Engenharia do Paraná entre o período de 1940 a 1945 para cursar engenharia civil.

O Estado do Paraná atravessou o século XIX no cenário nacional como o maior produtor de erva mate do país, grande extrator de madeira e com atividades agropastoris em decadência nos Campos Gerais. Segundo Magnus Pereira a burguesia comercial paranaense conseguiu transformar os processos de produção do mate numa indústria bastante tecnificada e urbana (PEREIRA, 1996). As suas subsidiárias, as metalúrgicas, as barricarias e as litográficas foram às indústrias que deram o toque dominante à sociedade paranaense do final do século XIX e início do século XX.

Este novo modelo industrial transformou o estado, vitalizou aos poucos as suas cidades e a capital paranaense, Curitiba, que desde a segunda metade do século XIX possuía uma população formada com diferentes grupos de étnicos. Ainda assim, sem deixar de seguir o padrão político da recém República do Brasil com os seus coronéis e as suas oligarquias. Até ao alvorecer do século XX os núcleos urbanos limitavam-se a um comércio rudimentar, aos aparelhos burocráticos e à Igreja. Neste período, Rafael Sêga considera a indústria ervateira essencialmente urbana, onde a sua burguesia procurava um novo modelo e passava a

negar a arquitetura colonial portuguesa herdada, e encontrou no estilo arquitetônico Eclético como o da sua preferência (SÊGA, 2001, p. 22).

Em 1910, o cronista Nestor Victor ao ser recebido pelo poeta Emiliano Pernetta no seu retorno a Curitiba percebeu uma “notável mudança” no centro urbano e comercial da cidade depois de dezessete anos ausente do estado:

Vinha notando, entretanto, justamente, que Curitiba ganhava outro ar, outro porte, lembrando uma camponesa, nossa antiga conhecida, que encontramos no fim de certo tempo já com os donaires e a louçania de uma cidadã. Aquela rua da Liberdade que eu deixara ainda em grande parte por construir-se, já estava inteiramente compacta, e era importante, com a estação das estradas de ferro, com o Palácio do Congresso, mais o do Governo, logo de entrada, e tantos bons prédios depois. A rua Quinze, que é a rua do Ouvidor de Curitiba, essa perdera o acaçapado e a vulgaridade antiga de rua nimamente provinciana [...] ostentava hoje palácios bancários, tinha grandes, importantes armazéns, e, quando menos, quase que sem exceção, oferecia á vista sobrados já bem decentes agora. O antigo Palacio Presidencial, que ainda ali existe, outr`ora notabilíssimo, é actualmente um prédio secundario (VICTOR, 1913, p. 114).

E em toda esta saliente mudança arquitetônica e urbana o que se percebe também é uma valorização substancial nos preços dos terrenos da cidade, aumento nas cotações do material de construção e, conseqüentemente nos preços dos aluguéis em toda a cidade, dada a chegada de 60 famílias mensalmente à capital em busca de melhores condições de vida.

#### 1.4 A GÊNESE DO POVO PARANAENSE

A prefeitura atualizava e reajustava as taxas e os impostos com ou sem as melhorias nas qualidades dos seus serviços prestados. As reclamações foram observadas pelo jornal “Paraná Moderno<sup>7</sup>” que denunciava a falta de planejamento, para o calçamento, meio de locomoção, instalações de luz e telefone em postes inadequados, falta de higiene e de policiamento municipal e a falta de um plano de construção onde carece um cadastro predial, com falta de alinhamento e nivelamento, além da falta de jardins. Contudo, o mesmo meio de imprensa não clama pelos trabalhadores que são “convidados” a se retirarem das

---

<sup>7</sup> Jornal criado em 1910 dirigido por Jayme Reis e Romário Martins, sua principal característica gráfica era a sua impressão em papel de boa qualidade e a farta quantidade de ilustrações com o objetivo de concorrer com as revistas de fora de Curitiba que chegavam a preços elevados para o leitor curitibano, foram vários os seus colaboradores, dentre eles: Romário Martins, Claudino dos Santos, Generoso Marques, Xavier da Silva e Euclides Chichorro com as suas charges assinando com pseudônimo de “Felix”.

proximidades do centro administrativo e político da cidade para ceder o espaço para a burguesia ervateira e comercial que se amplia na região. A South Brazilian era a empresa responsável pela iluminação no município e sofria acusação da queima de carvão e do desmatamento para produção de energia (VICTOR, 1913, pp. 131-137).

O cronista Victor percebeu novos hábitos na população curitibana, uma presença feminina desacompanhada nas ruas da cidade. Os homens também com atitudes diferentes, estes se vestiam melhor e quando não saíam com as suas botinas limpas de casa, limpavam-nas nos engraxates existentes nas ruas que operavam como uma nova indústria (VICTOR, 1913, p. 122).

Segundo Airton Moraes e Rita Rocha as transformações na Curitiba do início do século XX vão além das físicas e econômicas. A obra “História do Paraná” de Romário Martins tem o seu tema central considerado “a gênese do povo paranaense”<sup>8</sup>, muito embora, ela exclua a presença e participação dos negros na formação da sociedade curitibana deste período. Entretanto, é percebida que, em grande medida, as mulheres polonesas que trabalhavam como empregadas domésticas para a elite burguesa tiveram a sua mão de obra absorvidas pelas fábricas nascentes. Ao mesmo tempo, elas cederam os seus antigos postos de trabalho para as mulheres negras desempregadas ou que trabalhavam em suas próprias casas como lavadeiras de ganho. (MORAES e ROCHA, 2004, pp. 127-141).

Desta maneira, o modo de vida dos libertos, africanos e dos negros foi deixado de fora da narrativa de Martins, diferentemente dos aspectos comportamentais dos imigrantes, e isto ajudou a provocar uma grande lacuna na participação histórica dos negros na construção e povoamento de Curitiba. Algumas tarefas na sociedade curitibana continuaram sendo exercidas pelos negros. As quituteiras, as passadeiras, as amas, os engraxates, os pedreiros, os marceneiros, os carpinteiros e tantos outros ofícios estiveram sob as responsabilidades deste grupo.

Não obstante, conforme Flávio Gomes é possível recompor expectativas e projetos políticos tanto de escravos como dos setores de homens pardos e negros letrados a partir de leituras políticas sobre o sentido de cidadania, mestiçagem, hierarquia e sujeição de vários setores sociais (GOMES, 2005, p. 9). Durante o primeiro lustro do século XX, em várias regiões do país surgiram associações, entidades e clubes formados pela população negra - fossem eles dos setores literários, operários ou recreativos em geral.

---

<sup>8</sup> Disponível em: Revista História & Ensino. UEL. Londrina. Acessado em 25/12/2012 <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/index>>, às 12:30h.

De tal forma, o que se vê no centro urbano de Curitiba, também é o ressurgimento de tradições operárias, em meio ao debate sobre trabalho, raça e nação. Em Curitiba, existia a Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio<sup>9</sup>, com o objetivo de reunir e tratar de assuntos do interesse das pessoas de cor. Estes setores dialogavam entre si, e com outros segmentos sociais e avaliavam as suas inserções, demandas, normas, comportamentos, estratégias e atuação (GOMES, 2005, p. 78).

### 1.5 CADINHO DE NACIONALIDADES

Ao abrir perspectivas para o cenário curitibano no início do século XX percebem-se, também, graves conflitos que redirecionam a capital do estado para uma cidade nem tanto ordeira e pacata, onde a modernização e o progresso seguem uma tendência linear e homogênea. Para isto, o suficiente é incluir as organizações dos trabalhadores enquanto classe social.

A classe operária brasileira vinha, lentamente, acumulando forças e manifestando-se política e culturalmente no cenário nacional desde a segunda metade do século XIX. Em Curitiba segundo Ricardo Fonseca e Mauricio Galeb em 1883 esboçaram-se as primeiras organizações operárias e em seguida o seu primeiro jornal “Operário Livre”, 1891.

A fundação da Sociedade Protetora dos Operários, de iniciativa do pedreiro Benedito Marques, seguida da Fundação da Sociedade Recreativa e Beneficente de Operários Alemães (1884). Italianos anarquistas oriundos da Colônia Cecília fundam a Sociedade Giuseppe Garibaldi (FONSECA e GALEB, 1996, p. 26).

A Federação Operária Paranaense foi fundada em 1906 e no ano seguinte foi organizado e realizado o primeiro congresso pela federação e pela Liga dos Sapateiros de Curitiba, onde já se viu uma disputa acirrada pela liderança do movimento operário por parte das diversas tendências. As três principais correntes no movimento operário divergiram

---

<sup>9</sup> Arquivos da Sociedade Operária 13 de Maio. Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio é herdeira da tradição dos irmãos do Rosário e forjada nas lutas de emancipação, a sociedade foi fundada dez dias antes da Lei Áurea. A sua primeira diretoria foi eleita em 06 de junho de 1888. Desde o início funcionou como caixa de assistência aos trabalhadores necessitados, sobretudo, os negros. Prestava socorro em casos de doença, desemprego e viuvez. Direitos estes entre as disposições do seu estatuto. Organizava também os funerais e enterros de seus membros e familiares, além de manter aulas noturnas destinadas à alfabetização de jovens e adultos.

durante as duas primeiras décadas do século quanto às orientações que deveriam ser seguidas pelo movimento dos trabalhadores, o mutualismo, o socialismo e o anarco-sindicalismo.

Conforme Luiz Carlos Ribeiro o mutualismo lutava pela legitimação dos homens pobres nas sociedades civilizadas, na luta pela ampliação da sua cidadania. Assim, eles pregavam a organização dos operários “em associações beneficentes, de modo a se garantirem através de auxílios mútuos, prestando auxílios aos doentes, inválidos, auxílio funeral aos desempregados, escola para operários e seus filhos, etc.” (RIBEIRO, 1985, pp. 220-224).

Quanto aos socialistas, estes pregavam a favor do voto consciente e necessário como a sua principal arma contra a oligarquia. O parlamento burguês era visto como o único canal legal de expressão das classes trabalhadoras, e fora deste espaço ideal para se realizar “a evolução da sociedade, só restava a marginalidade, a negação da cidadania, e aí não havia possibilidade de existência” (RIBEIRO, 1985, p. 246).

Diferentemente o anarco-sindicalista se caracterizava pela rejeição de toda e qualquer autoridade, bem como pela recusa das organizações rigidamente hierarquizadas, inclusive dos partidos políticos. De acordo com Francisco Hardmann a tendência majoritária do movimento operário do centro-sul do país a partir dos primeiros anos da República foi o anarco-sindicalismo, o “sindicato como meio e fim da ação libertária e a greve geral revolucionária como a arma decisiva, espécie de erupção vulcânica, capaz, por isso, de trazer a tona um novo mundo” (HARDMANN, 1989, p. 312). A prioridade são para os sindicatos que são vistos como instrumento de luta contra o Estado e as classes proprietárias, assim como a base da nova sociedade a ser criada.

É neste caldeirão socioeconômico, político e cultural que Etelvina Trindade considera a Curitiba da Primeira República uma cidade polêmica, cadinho de nacionalidades, crenças e opiniões. Nela havia Republicanos idealistas, católicos conservadores, maçons e espíritas, feministas e antifeministas onde todos disputavam o predomínio do pensamento da urbe. As diversas revistas, jornais, almanaques que representam as agremiações, sociedades, ligas, agências e outras formas de agrupamentos utilizam os seus intelectuais para versarem sobre uma infinidade de assuntos. Os numerosos grupos de pensadores curitibanos não eliminam, porém, seus pontos de convergência, entre os quais se destaca a proposta de uma sociedade livre e laica (TRINDADE, 1996, pp. 105-110).

## 1.6 ECONOMIA URBANO INDUSTRIAL

Em 1912, a presidência do Paraná foi assumida por um carioca, Carlos Cavalcanti de Albuquerque, que fez a sua carreira política no exército brasileiro e em seguida tornou-se deputado estadual e federal. Conforme Maria Ignês de Boni o mesmo assumiu a presidência com o estado em condições financeiras bastante razoáveis, sob o aspecto econômico-financeiro. Entretanto, a cidade de Curitiba e a sua população mais pobre passavam por dificuldades. A prefeitura municipal não possuía uma sede administrativa à altura das suas pretensões políticas e regionais, também lhe faltavam serviços de infraestrutura na cidade como esgotamento sanitário e pavimentação nas ruas (BONI, 1985, p. 45).

A ausência de pavimentação não era total. Além de umas poucas quadras centrais, as câmaras costumavam construir “cruzetas”, quadrados pavimentados que cobriam apenas a interseção das ruas, onde a lama costuma a acumular-se (PEREIRA, 1996, p. 170).

A administração estadual iniciada em 1912, pelo presidente Carlos Cavalcanti, é considerada por Rafael Sêga crucial para a consolidação das bases da economia urbano industrial no Paraná. Curitiba por se tratar da Capital do Estado, foi o palco privilegiado dessa transformação capitalista. A circulação de mercadorias é uma das exigências fundamentais de uma cidade capitalista. São as atividades relacionadas a esta movimentação que são dominantes e transformam as relações sociais dos seus habitantes. Portanto, foi de suma importância abrir avenidas dotando-as de condições básicas de trafegabilidade e mobilidade (SÊGA, 2001, p. 22).

O sistema de circulação em Curitiba, no início do século, estava voltado para o transporte da produção agrícola, do cinturão verde das colônias ao redor da cidade, pra os pontos de comércio; e do escoamento da produção do mate para a estação ferroviária e, desta, para o porto de Paranaguá (SÊGA, 2001, p. 55).

Em 1913, ano seguinte à fundação da Universidade do Paraná, considerada pela elite paranaense a primeira do país, o presidente Cavalcanti indicou Cândido Ferreira de Abreu para prefeito de Curitiba, um deputado federal e “arquiteto construtor” altamente qualificado. Dessa maneira, a burguesia paranaense buscava firmar sua hegemonia ao constituir um bloco

de poder que fosse além dos seus interesses imediatos (SÊGA, 2001, p. 25), alicerçados em uma intelectualidade local.

Um plano remodelador, um grande empreendimento urbano, foi colocado em prática com a nomeação de Cândido de Abreu para a prefeitura de Curitiba. O prefeito iniciou a “sua gestão cuidando da ordenação dos loteamentos, e propôs a aprovação de divisões no perímetro urbano e suburbano” (BONI, 1985, p. 47).

Foi implantada a Comissão de Melhoramentos da Capital que tinha como objetivo sanear a cidade, sobretudo da presença dos pobres, dos sujos e dos maus cheirosos e, como justificativa, tinha o detalhamento de todas as obras a serem realizadas, ao mesmo tempo em que informava quais os trechos, o material a ser usado e a quantidade de serviço a ser feito. A organização dos espaços urbano e rural era o que orientava os regulamentos, com normas instituídas pelo Código de Postura<sup>10</sup> para a cidade quanto ao funcionamento dos mercados, das feiras, dos transportes, das construções com o parecer dos médicos e engenheiros.

Durante toda a primeira república ocorreu em Curitiba um crescimento populacional através de uma mobilidade social oferecida pela industrialização e pela urbanização. A cidade começou a partir daí a perder as suas características rurais - “os pobres e os sapos vão indo cada vez para mais longe [...] Está ahi o motivo principal, [...] porque não achas mais na cidade esse cheiro campesino [...] Com os pobres vão se distanciando também as culturas” (VICTOR, 1913, p. 127) - para o novo contexto urbano-industrial. Conforme Roseli Boschilia, ocorreram deslocamentos de famílias inteiras, ou grupos isolados, que saíram do interior do Paraná e, também, dos estados vizinhos em busca de oportunidades de trabalho, moradia, assistência de saúde e educação, sobretudo, a partir da década de 1930 (BOSCHILIA, 1996, p. 13).

## 1.7 A CIDADE SE MODERNIZA

O rápido progresso alcançado por Curitiba na década de 1930 permitiu ao intelectual curitibano, Dário Vellozo, assinalar que “as cidades são os índices da civilização dos povos. Todo progresso das Nações, produzidos nos campos, sintetiza-se nas cidades. Assim são elas o enfeixe lógico da civilização” (VELLOZO e PONTES, 1942, p. 111).

---

<sup>10</sup> O Código de Posturas a partir de 1895 ganhou uma maior importância justamente pelo fato de, pela primeira vez, ter ficado visível o legislar da Câmara sob o amparo do saber especializado, como o de médicos e engenheiros, principalmente no que se referia às construções e obras de urbanização. Disponível em: <[http://www.casadamemoria.org.br/index\\_historiadecuritiba.html](http://www.casadamemoria.org.br/index_historiadecuritiba.html)>. Acesso em 20 dez 2012.

A capital paranaense é uma cidade que se reconstruiu a partir de outra que se tornou em ruínas a cada momento, no espaço de poucas décadas, o que faz Vellozo acreditar, segundo Antônio César Santos, que o presente seria a prova de seu desenvolvimento e de seu amanhã: Curitiba, como capital, representaria o índice de civilização do Paraná (SANTOS, 1999, p. 60). Dessa maneira, não lhe faltam os recursos necessários ao progresso, pois que todos os requisitos das metrópoles modernas Curitiba possuem (VELLOZO e PONTES, 1942, p. 113).

Na Curitiba da primeira república, os seus cientistas estão preocupados, também, em estudar os fatores que trazem a saúde do indivíduo, a felicidade do lar e a grandeza da pátria. Para isso, os advogados e os médicos se uniram na defesa de uma prática eugênica. Aos doutores da lei cabia, através da criminologia, estudar os delitos e criar a obrigatoriedade da identificação, como um meio de profilaxia policial, e aos médicos cabia a missão de batalharem pela redenção sanitária do município. Segundo Erivan Karvat a missão de cura da raça, para os cientistas, exigia novos espaços de atuação social e nem todos os elementos que constituíam a população poderiam ser salvos ou regenerados (KARVAT, 1998, pp. 58-84).

O professor da Faculdade de Medicina do Paraná e membro da Academia de Letras do Paraná, Dr. João Cândido Ferreira, defendia o controle do casamento como forma de sanar o problema da hereditariedade doentia. Ele defendia a realização do exame pré-nupcial para evitar o casamento de indivíduos doentes e degenerados e, dessa maneira, estes não legariam à prole tantos males e degeneração. O grande número de analfabetos aliado às doenças como sífilis, tuberculose, lepra e o álcool, se caracterizavam como flagelos que eram transmitidos aos seus descendentes, o que degeneravam e abastardavam a estirpe brasileira (KARVAT, 1998, pp. 55-57).

Curitiba foi uma cidade que se expandiu e modernizou a partir de um projeto civilizador, branqueador, focado no progresso, com instalações e expansões de fábricas, engenhos, cervejarias, fundições, etc. Em seu centro faculdades, prédios privados e públicos, como o Paço Municipal, hotéis, museus, espaços públicos com cafés e salas de espetáculos, cassino, parques e praças, agências bancárias e casas comerciais, e com intelectuais que circulam não apenas nos seus salões elegantes, como em inúmeros grêmios, associações e congregações. “É nessa ebulição urbana dessa sociedade progressista que a educação (TRINDADE, 1996, pp. 21-31)”, é também uma preocupação presente.

Na década de 1940 a cidade de Curitiba possuía uma população superior a 140.000 habitantes e existia um interesse por parte dos governantes da consolidação de uma cidade moderna, simpática e, sobretudo, uma metrópole próspera e progressista. A reconquista do

título de Universidade do Paraná se fez em 1946, depois de tê-la perdida em meados de 1918, - provocada pela Lei Maximiliano<sup>11</sup> -, fazia parte do projeto civilizador, o que denota sinal de progresso com desenvolvimento intelectual, com a implantação de mais cursos técnicos e acadêmicos. Para o engenheiro civil, professor da Faculdade de Engenharia do Paraná, Ildefonso Puppi “a carência de escolas superiores entravava o progresso do Estado e a melhoria do meio cultural” (PUPPI, 1986, p. 2).

---

<sup>11</sup> Lei Maximiliano: decreto federal nº 11530, de 18 de março de 1915 ela reorganizou e retornou o ensino médio e superior para o controle e fiscalização para o governo da República, e as escolas particulares só seriam reconhecidas se submetessem à inspeção do governo federal e para isso teria que ter uma universidade padrão como referência, o que não existia no país. Outras condições foram colocadas como, a cidade onde estava instalada uma universidade possuir uma população superior a 100.000 habitantes.

## 2 ENEDINA ALVES MARQUES

Enedina Alves Marques foi a primeira mulher a se diplomar em engenharia civil no estado paranaense, em 1945. A sua formatura foi marcada, essencialmente, como um feito de grande curiosidade para a sociedade curitibana, pelo fato de ter conseguido transpor um espaço hegemonicamente masculino e branco. Aos 32 anos, a curitibana Enedina, uma mulher pobre e negra, conseguiu ser a atração da solenidade de formatura de engenharia ao lado dos 32 homens, cuja turma teve como paraninfo o Professor João Moreira Garcez, ocorrida no prédio Palácio Avenida, na Rua XV de Novembro esquina com a Rua Oliveira Belo. O prédio era considerado o mais importante da cidade de Curitiba, nesta época com uma população de 145000 habitantes, lá se realizavam os grandes eventos sociais da cidade e as mais importantes formaturas.

O seu amigo e colega de curso Adelino Alves da Silva, em dezembro de 1945, esteve na solenidade de entrega do diploma de Enedina e lembra-se da homenagem recebida pela mesma com palavras e abraços dos colegas que durante o curso nem mesmo falavam com ela. A alta sociedade da época era diferente, “a elite não se misturava, não se relacionava com o povo nem de classe média nem de classe pobre” (ADELINO, 2011). Ainda no evento, houve um estranhamento dos convidados no momento de entrega do diploma porque até o final da segunda guerra mundial em Curitiba, as mulheres se conformavam, em grande medida, em serem professoras. Entretanto, para o colega hoje já é um fato normal uma mulher se tornar engenheira, “[...] pessoa negra se formar em faculdades, seja homem ou mulher, era coisa de outro planeta [...], e ela estava bem vestida e muito bonita” (ADELINO, 2011).

Segundo Elfrida Schierman a família Caron participou também das cerimônias de formatura de Enedina: “a minha irmã tem uma foto dela na formatura [...] de engenheira, foi uma grande cerimônia para época” (ELFRIDA, 2011). Os pais de Eleny Caron presenciaram o evento, e Enedina estava com uma vestimenta presenteada pela sua madrinha de formatura Iracema Caron, “[...], na formatura a minha mãe deu o vestido pra ela, compraram o tecido e fizeram o vestido, ela pediu aos meus pais que fossem conduzir ela aos eventos, solenidade e a festa, como se fossem os pais dela” (ELENY, 2009). Os pais e os familiares de Enedina não se fizeram presentes aos eventos que marcaram a diplomação da filha embora fossem vivos.

## 2.1 A FAMÍLIA MARQUES, O LUGAR DE AFEIÇÃO

No final do século XIX e início do XX, no processo de transformação econômico, político, social um componente psicossocial não passou despercebido por Octávio Ianni em sua pesquisa sobre as relações étnico-raciais em São Paulo e no sul do Brasil, sobretudo na cidade de Curitiba. O fato de que, no advento da abolição da escravatura, com um processo gradual e lento de uma sociedade senhorial e escravista, para uma sociedade de classes, o branco deu continuidade ao projeto de lançar sobre o negro e seus descendentes a responsabilidade pelos seus empenhos para a adaptação da sua força de trabalho.

Nesse caso, o valor dado ao trabalho e à vida social do negro foi expresso em atitudes, avaliações negativas, estereótipos que designavam a mantê-lo dificultado nas suas circulações e afastado dos meios de convivência econômica, política e social dominado, em grande medida, pelos imigrantes europeus que chegaram ao país entre o fim do século XIX e começo do século XX (IANNI, 1961, p. 161).

Em Curitiba neste mesmo período, a divisão social do trabalho foi bastante acentuada. Segundo Ianni, um conjunto amplo de fatores internos e externos afetaram as forças produtivas na região, e estes foram responsáveis pela intensificação das transformações das relações de produção, o que ajudou a promover núcleos apoiados na economia de subsistência pela economia monetária. Entretanto, alguns grupos, como os dos negros, ficaram de fora ou estavam como opção secundária para esta mudança econômica, em grande medida, pela prioridade dada à política de imigração de europeus, estes por serem considerados mais aptos às necessidades e ao projeto de desenvolvimento e progresso pautado no branqueamento da nação (IANNI, 1961, pp. 240-241).

Os pais de Enedina, Paulo Marques e Virgília Alves Marques, casal de negros, chegaram a Curitiba na busca de melhores condições de vida, sem procedência correta, provenientes do êxodo rural ocorrido após a abolição da escravatura ocorrida em 1888. Dona Virgília ou, também, conhecida Dona Duca foi doméstica cuidou da casa, da família e trabalhou como lavadeira de ganho para várias famílias a fim de ajudar a manter as despesas domésticas. Contudo, o casal separou-se e Dona Duca juntamente com alguns filhos – sendo Enedina a única mulher – foram trabalhar e morar com a família do paranaense cafuzo militar

intelectual republicano Domingos Nascimento<sup>12</sup> (LORENZETTI, 2010, pp. 45-59) no bairro Portão, então localizado nos arredores de Curitiba.

Eleny assevera que mesmo depois da morte do patrão e padrinho intelectual Domingos Nascimento em 1915, Dona Virgília, Enedina e alguns dos seus irmãos continuaram a trabalhar e viver com a família Nascimento durante mais de três décadas.

[...] Senhor Domingos Nascimento era alguém um pouco importante, eu acho, mas eu não sei dizer direito o que ele fazia ou, o que ele era, eu sei que a família dele ajudou a ela pra entrar na faculdade, ela fazia o curso de normalista porque eles também a ajudaram, eles não tinham casa, por isso ela foi morar lá em casa também. A mãe dela ia sempre lá à nossa casa também, eu não lembro o nome dela, mas chamavam Inhá Duca, a gente era menor não ligava muito assim para saber os nomes das pessoas (ELENY, 2009).

## 2.2 OS PAPÉIS SOCIAIS DESEMPENHADOS POR ENEDINA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A infância de Enedina foi marcada pela presença constante da mãe, D. Duca, dos irmãos e, sobretudo, da influência sócia econômica da família Nascimento. A instrução e a educação inicial recebida por Enedina foi influenciada pelo meio em que viveu. Uma infância pautada no aprendizado e no fazer das tarefas domésticas como era comum às outras crianças de extratos mais baixo da sociedade curitibana do mesmo período.

Segundo Judite Trindade a família ao tornar-se o lugar de afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos passou a ter uma nova utilidade, assim como a escola. A nova utilidade da escola e da família faz parte do novo individualismo que se impõe, uma contradição aparente entre a sociabilidade pública da educação e a privada no interior da família (TRINDADE, 1999, pp. 36-38).

Judite Trindade considera que a intervenção sutil do Estado no trato à criança é dada através da família esta com a responsabilidade de conservar e respeitar as crianças. A partir de uma concepção de infância de um ser inocente e frágil, o papel da família é aliado à

---

<sup>12</sup> Domingos Nascimento nasceu em Guaraqueçaba-Pr, 1863. Filho de pescador Francisco Luiz do Nascimento e mãe indígena guarani Antônia Luiza do Nascimento. Ingressou na carreira militar em 1881, no Rio de Janeiro, na Escola Militar da Praia Vermelha, onde ficou até 1886, período este de forte envolvimento com o positivismo, foi aluno de Benjamim Constant. Completou os estudos no Rio Grande do Sul, na Escola Militar de Porto Alegre, se filiou ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR), comandado por Júlio de Castilhos. Atuou como jornalista em “A Federação”, jornal de cunho castilhista. Após esse período de formação, retornou ao Paraná, em 1889, e passou a residir em Curitiba. Comandou o Batalhão Patriótico 19 de dezembro, quando da invasão da Armada Carioca em território paranaense em 1893, escreveu a letra do hino do Paraná.

filantropia e assistência social, o que garante o sucesso da higiene como instrumento de ordenação social. O sentimento de infância é afirmado ao mesmo tempo em que se é reafirmado à família (TRINDADE, 1999, pp. 36-38).

De tal modo, são as famílias e as escolas as instituições apropriadas e responsáveis para a criança passarem ao longo do tempo por transformações significativas e adequando-se ao modelo social. A escola com um caráter disciplinador, pois cabe ao professor a tarefa da educação física e intelectual, na mesma ordem em que se é observado o progresso humano e, à família cabe a tarefa de uma nova sociabilidade.

Em 1910, Nestor Victor chamou atenção para o aspecto geral da população infantil no jardim de infância e no curso primário de uma escola em Curitiba. A analogia foi feita a partir de um espelho que refletia as felizes condições do cruzamento realizado entre os diferentes povos representados na cidade.

É um lindo espetáculo sob tal aspecto principalmente o da loura multidão que representam os pequenos alumnos do Jardim da Infância onde estive. A gente de cor entra ali apenas numa proporção de 2 a 3 por 100. E é interessante verificar pelo livro das matrículas, como fiz, naquele estabelecimento e nas escolas primárias, a origem daquelas crianças referente a nacionalidades: brasileiros, italianos, polacos, alemães, austríacos, hespanhóis, turcos, belgas, francezes, suecos, ingleses, é o que se lê, inquirindo da respectiva paternidade (VICTOR, 1913, p. 189).

O que se observa desde logo é existir uma desproporção acentuada de crianças negras comparadas às crianças brancas nas escolas curitibanas no início do século XX e, ademais uma forma diferenciada de se tratar as mesmas, com o método de ensino e pedagógico voltado para as questões nacionais as quais elas pertenciam.

Em situação oposta às famílias que compunham a elite burguesa urbana na Curitiba da Primeira República. A rotina das famílias mais pobres, cada elemento tinha o seu papel bem definido dentro do grupo ao qual pertencia tanto aos seus afazeres domésticos, - ainda que, de um grupo para outro houvesse diferenças quanto às tarefas a serem executadas, - quanto às suas obrigações voltadas à educação, contudo todos trabalhavam, para estas, famílias quanto mais numerosas os seus membros mais braços colaboradores para a sua manutenção e sobrevivência.

De acordo com Margareth Rago, as mulheres e as crianças negras após a abolição da escravidão continuaram trabalhando nos setores considerados os mais desqualificados, sobretudo nas zonas urbanas do país, onde recebiam baixíssimos salários aliado ao péssimo tratamento (RAGO apud DEL PRIORE, 2007, p. 582).

Na Primeira República, em grande medida, o papel das pessoas do sexo feminino nas famílias mais pobres curitibana é de arrimo ou de complementação do orçamento de família. Ele é diverso, constante e fundamental para a formação de uma sociedade que buscava a sua modernização e o progresso. Segundo Wilma Bueno as mulheres participavam das atividades na roça e da criação de animais. Nas suas tarefas do cotidiano preparavam as hortaliças e legumes para a venda nos mercados, e isto eram ocupações essenciais à sobrevivência das famílias, quase sempre, numerosas (BUENO, 1999, p. 52).

Conforme Bueno, em 1910 as crianças – meninas - antes de se tornarem empregadas domésticas como era comum às polonesas, participavam das atividades para manutenção e sobrevivência da própria família, elas acompanhavam e eram preparadas pelas suas mães nas execuções nas tarefas das roças e nas atividades domésticas. Algumas mulheres do bairro Santa Felicidade entrevistadas afirmaram que as crianças ajudavam nas tarefas do cotidiano, “A gente cortava centeio, ficava aquele toquinho assim. [...] Colocava tudo nas costas. As crianças carregavam, parecia formiga carregadeira, mas descalço, naqueles toquinhos assim aquelas ferpas entravam no meio do pé” (BUENO, 1999, pp. 50-51).

A adolescência de Enedina foi marcada de forma igual, em grande medida, à adolescência vivida por algumas adolescentes filhas de poloneses, com trabalho doméstico em casas de famílias. Bueno considera que apenas as moças solteiras trabalhavam fora e nas casas de famílias. As que podiam juntavam o suficiente para fazer o enxoval, por vezes extremamente simples, para depois compor o quadro das mulheres casadas (BUENO, 1999, p. 68).

Para Ruy Wachowicz, as jovens, como criadas de servir, não possuíam salários fixos. Os patrões pagavam o que queriam, sem horários definidos de trabalhos, durante todo o dia e até algumas horas da noite, e ainda faziam todos os tipos de serviços. As folgas eram nos finais de semana com retorno no domingo para retomada do trabalho porque tinham que lavar engomar, cozinhar, cuidar das crianças e fazer compras (WACHOWICZ, 1976, p. 18).

As domésticas enfrentavam uma vida de dificuldades e conflitos, sem privacidade nas casas dos seus patrões na Curitiba da Primeira República e, em grande medida, eram vistas como pessoas que ocupavam uma profissão inferior e, além disto, eram ameaçadoras para o casamento burguês, pois podiam despertar sentimentos não condizentes com os padrões pensados para a moralidade urbana (BUENO, 1999, pp. 65-66). Presente no cotidiano das famílias, ainda assim eram omissas, invisíveis e discriminadas, a sua função era somente cumprir as tarefas a elas delegadas pelas patroas.

A transformação socioeconômica urbana, decorrente da indústria do mate, das outras diversas fábricas, e dos novos serviços criados no comércio em Curitiba e nos seus arredores, permitiu às jovens de descendência europeia, em geral, que saíssem das casas de família e fossem para estes novos postos de trabalho.

Conforme Roseli Boschilia durante as décadas de 1920 e 1930, as mulheres curitibanas - principalmente as menores de idade - podiam ser encontradas em número considerável nas fábricas de fiação de tecelagem, fita e fitilhos; massas alimentícias; biscoitos, balas e bolachas; erva-mate; fósforos; metros; velas; caixas e cabos de vassouras; escovas, brochas e pincéis. Nestas fábricas, elas exerciam funções diversas e recebiam salários menores que os homens (BOSCHILIA, 1996, p. 37). Entretanto, observa-se ainda, a preferência dada às jovens brancas em detrimento das jovens negras, sendo aquelas, consideradas pelos empregadores com maior disciplina e capacidade de desempenhar funções que exigiam delicadeza e atenção.

Desde criança até a fase adulta Enedina trabalhou de babá a criada de servir em diversas casas de família de Curitiba e continuou nesta atividade até a conclusão do seu curso superior. Contudo, entre os anos de 1932<sup>13</sup> e 1935 ocorreu uma pequena interrupção nas atividades de empregada doméstica, dado o fato de ter se tornado professora da rede pública de ensino em diversas cidades no interior do estado depois de ter concluído o curso de magistério (NICOLAS, 1977, p. 105).

A última casa de família onde ela trabalhou foi a de Iracema Caron e do mestre de obras e construtor alemão Mathias Caron. (ELENY, 2009). Segundo a sobrinha de Mathias, Elfrida:

Foi a Enedina quem cuidou dos meus primos, porque o meu tio era construtor e ele viajava muito e às vezes a minha tia ia junto, dependendo prá onde ele ia, a minha tia Iracema ia junto com ele, e era a Enedina quem ficava em casa, eles tinham quatro filhos, os meus primos, e era a Enedina quem cuidava deles (ELFRIDA, 2011).

O retorno de Enedina para trabalhar em casa de família, mesmo já professora, pode ter sido uma estratégia para alcançar outros objetivos pessoais, como o ingresso no curso superior. O convite aceito para morar na casa dos últimos patrões pode ter sido o mecanismo

---

<sup>13</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ: FICHA FINANCEIRA FUNCIONAL de Enedina Alves Marques. DEAP.

usado pela mesma com o objetivo de superar a longa distância entre os seus diversos afazeres profissionais e os novos espaços educacionais.

### 2.3 TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE ENEDINA

Maria Nicolas considerou Enedina uma aluna inteligente e aplicada nos estudos. A sua alfabetização foi efetuada aproximadamente aos 12 anos, na Escola Particular da Professora Luiza Netto Correia de Freitas. Em seguida, fez o exame de pró-eficiência e foi transferida para o grupo escolar anexo à Escola Normal onde concluiu o curso primário e o complementar, sempre durante o período noturno (NICOLAS, 1977, p. 105). Foi em 1926 que ingressou na Escola Normal Secundária, - o Palácio das Instruções -, situado na Rua Emiliano Pernetá<sup>14</sup>, esquina com a Rua Voluntários da Pátria, onde recebeu o seu diploma – o qual a credenciava ao ensino - em sessão solene em 4 de dezembro de 1931, posteriormente Instituto de Educação do Paraná (STRAUBE, 1990, p. 11).

Em 1935 Enedina já lecionava, quando teve que retornar à sala de aula na condição de aluna para fazer mais três anos do curso Madureza, o qual se enquadrava nas novas determinações das leis de educação do Estado. O Diário Oficial do Estado publicou em 20 de fevereiro de 1934 o decreto federal que reproduzia o Artigo 100, que determinava a elaboração dos projetos de regulamentação dos novos cursos, Madureza e complementar, e para que estes fossem encaminhados para aprovação pela Diretoria Geral de Instrução Pública (STRAUBE, p. 52). Dentre as novas determinações estava aquela de que os professores deveriam fazer uma capacitação profissional de três anos para o exercício do ofício de professor com recursos próprios. Enedina fez o curso de Madureza no Ginásio Novo Ateneu até 1937, durante o período noturno na Rua Emiliano Pernetá n° 268.

Neste momento, Enedina morava no bairro do Portão e foi chamada por Joto Caron para morar e trabalhar na casa de Iracema Caron.

[...] Enedina era colega do meu tio Joto e estudava à noite e terminava tarde. O meu tio convidou a ela para ir lá prá casa dormir, porque nós morávamos no Juvevê e era mais perto e com isso a minha mãe terminou convidando pra que ela morasse lá em casa (ELENY, 2009).

---

<sup>14</sup> Nota: O uso da Rua Emiliano Pernetá em detrimento ao nome que consta nos documentos da Rua Aquidaban objetiva evitar confusão com as mudanças nos nomes das ruas ao passar dos anos.

A passagem de Enedina pelo curso Madureza ocorreu sem dificuldades aparentes. O estabelecimento de ensino era dirigido pelo educador Elísio de Oliveira Vianna e recebia a inspeção federal de J. Rodrigo de Freitas, as avaliações de Enedina sempre estiveram acima da média da classe<sup>15</sup>. Segundo Elfrida, Enedina sempre foi uma pessoa com muitas habilidades e inteligência:

ela sabia tudo [...], ela escrevia na máquina, naquela época, ela ensinou a minha irmã a escrever na máquina, ela sabia e fazia tudo, não tinha tempo ruim com ela, era muito inteligente. A minha irmã depois que aprendeu a escrever a máquina, tudo com a Enedina, foi à escola autorizada e ganhou o certificado de datilografia (ELFRIDA, 2011).

Enedina ao seguir lotada como professora na Secretaria de Educação e Saúde Pública sem a perspectiva de crescimento profissional resolveu desafiar e fazer um curso superior (NICOLAS, 1977, p. 105). Naquele tempo “as mulheres procuravam evoluir era em ser professora de grupo escolar ou de ginásio, [...] no máximo diretora” (ADELINO, 2011).

Em 1938, Enedina iniciou o curso complementar em Pré-Engenharia em regime de externato no Ginásio Paranaense<sup>16</sup>, continuamente, durante o período noturno. Enedina frequentou o primeiro ano de Pré-Engenharia no prédio da FEP, na Praça Santos Andrade, em consequência da reforma física que passava o prédio do Ginásio Paranaense situado na Rua Ébano Pereira. O segundo ano foi feito no prédio do próprio Ginásio Paranaense, reformado, com toda uma estrutura para enfrentar os desafios que requeria uma faculdade de engenharia, com salas amplas, laboratórios para as ciências físicas e biológicas, história natural e arguições mensais em todas as disciplinas<sup>17</sup>.

A passagem de Enedina pelo curso complementar de Pré-Engenharia, entre os anos de 1938 e 1939, foi com desempenho mediano, médias 53 e 60 e, respectivamente, a assiduidade nas aulas com baixo de número de faltas por disciplina comparada à do fiel amigo Joto Caron que, às vezes, acompanhava no retorno da aula para a casa da sua irmã Iracema Caron, onde trabalhou e morou. No primeiro ano, 1938, existia no grupo de Pré-engenharia um número superior a 100 alunos inscritos e, havia apenas duas alunas: Enedina e Helena Cordeiro

<sup>15</sup> Ginásio Ateneu: Histórico Escolar Ginásio Ateneu – Curso de Madureza- Artigo 100, fevereiro de 1938.

<sup>16</sup> Arquivo do Colégio Estadual do Paraná: Ginásio Paranaense Externato: Certificado de curso complementar, Classe C, 4 de dezembro 1939.

<sup>17</sup> Idem: Histórico Escolar com características, 1939.

Parigot de Souza. Entretanto, no segundo ano em 1939, o nome de Helena não apareceu mais na lista da classe e nem tampouco na relação dos alunos aprovados para fazer os exames para ingressar na FEP.

Ao final do curso em 1939, o jornal dos estudantes do Ginásio Paranaense parabenizou o cinquentenário da República comemorado na instituição de ensino e ressaltou o crescente e ótimo resultado nas aprovações dos alunos nos cursos preparatórios para os vestibulares das Faculdades de Engenharia, Direito e Medicina do estado.

Este fato vem demonstrar de maneira indiscutível a eficiente organização que o curso recebeu. Marcam os alunos do complementar, com isso, uma excelente vitória, pois, souberam corresponder perfeitamente aos esforços do Diretor Ginásio que tem batalhado incansavelmente pela causa do ensino em nossa terra (JORNAL GINÁSIO PARANAENSE, 1939, p. 2).

O jornal do Ginásio Paranaense publicou que sessenta e cinco alunos foram aprovados, - o nome de Helena Cordeiro Parigot de Souza não esteve na relação dos alunos aprovados no preparatório, visto que as dificuldades para ingresso na FEP eram consideradas grandes. Segundo Eleny, Enedina conseguiu corresponder às atividades escolares graças aos esforços realizados ao passar as noites a estudar e copiar os livros que não podia comprar: “[...], ela era uma pessoa muito esforçada, sofreu muito preconceito em vários lugares, se esforçava de estudar porque ela não tinha condições de comprar livros, ela emprestava dos colegas e passava a noite copiando tudo à mão livre para poder estudar” (ELENY, 2009).

## 2.4 HISTÓRICO DA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PARANÁ

Desde o final do século XIX a burguesia e a elite paranaense, com a exploração e beneficiamento da madeira e o fortalecimento e crescimento da indústria ervateira, buscaram intensificar o projeto de progresso paralelo àquilo visto como civilizador, pautado na educação.

A carência de escolas superiores entravava o progresso do Estado e a melhoria do meio cultural. Esse, na sua parte mais selecionada, era bastante restrito, cingindo-se quase que exclusivamente a um míngua número de profissionais liberais formados

principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, para onde os genitores das famílias mais abastadas enviavam seus filhos de maiores aspirações para estudar e se formar, e aos poucos membros do clero secular e regular (PUPPI, 1986, p. 2).

O investimento na ciência e a laicização do ensino com a formação de uma elite intelectual produzida nas primeiras faculdades<sup>18</sup> em solo paranaense, fazia parte do processo de desenvolvimento, diferenciação, construção, fortalecimento da identidade e transformação da sociedade. Para tanto, a data escolhida para as duas assembleias formadas com o grupo organizador e os professores dos diversos cursos e a comissão pública pelos seus fundadores com os congressistas legislativo do Estado foi o dia 19 de dezembro de 1912, comemoração da emancipação política do Paraná (PUPPI, 1986, p. 6).

A Faculdade de Engenharia do Paraná fundada juntamente com as faculdades de Direito e de Medicina por Victor Ferreira do Amaral e Silva e Nilo Cairo, ocuparam um sobrado na Rua Comendador Araújo, inicialmente. Surgiram como instituições privadas, entidades livres, observados os critérios de unicidade e centralização com escolas e setores circunscritos a determinada área e com um estatuto elaborado. Coube ao advogado Pâmphilo D' Assumpção a tarefa de preparar o estatuto da instituição – Universidade do Paraná –, representar a reafirmação da emancipação política do Estado e, ao mesmo tempo, a construção e necessidade do reconhecimento da intelectualidade paranaense no cenário científico nacional (PUPPI, 1986, pp. 1-9).

Os motivos que levaram a burguesia paranaense a criar as suas faculdades não foram somente de destravar o progresso e melhorar o meio cultural do estado, mas também o de fortalecer uma nova elite burguesa que enviava seus filhos para centros mais avançados cientificamente - São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul – e assim consolidar e controlar o poder local.

A partir de um contexto histórico, político, social, cultural e, sobretudo, econômico, embasados em uma filosofia positivista, evolucionista e liberal que orientava o Brasil da Primeira República, os grupos da elite paranaenses não se apresentavam como instrumentos neutros, e sim como coligações de perpetuação dos sujeitos que controlavam o poder. Sob o ponto de vista ideológico, conforme a análise empreendida por Boris Fausto, neste período, os interesses dos vários setores burgueses não se definiam diretamente segundo os critérios

---

<sup>18</sup> O historiador, jornalista e político José Francisco da Rocha Pombo foi o idealizador e autor do assentamento da pedra fundamental das obras da edificação das faculdades de Direito, Engenharia e Medicina do Paraná na Praça do Ouvidor Pardinho em 1892.

econômicos, mas tomavam a forma de disputas regionais pela conquista do poder central (FAUSTO apud CARDOSO, 1976, p. 234).

Assim, a conjuntura socioeconômica paranaense continuava a determinar os indivíduos com os seus lugares demarcados na sociedade. Neste processo, o que se destaca é o papel da articulação das relações sociais de alguns dos intelectuais paranaenses, seja na forma característica da elite ervateira que possuía o controle econômico do Estado, o clientelismo a partir da nova burguesia, ou então na forma de uma relação positiva - o capital social. Segundo Pierre Bourdieu, capital é “uma relação social, isto é, uma energia social que não existe e não produz seus efeitos a não ser dentro do campo onde ele se produz e se reproduz” (BOURDIEU, 1980, pp. 2-3).

Enedina Alves Marques nasceu vinte dias após a fundação da FEP, espaço de reafirmação da emancipação política do Estado e do reconhecimento da intelectualidade paranaense no cenário científico nacional; espaço também, de distinção da sociedade paranaense. O campo é de uma arena com tensões marcadas pelos diferentes grupos oligárquicos e um novo grupo que se formava com a chegada dos novos imigrantes. Neste embate, a sobrevivência e continuidade dos grupos socioeconômicos dominantes utilizaram, também, a academia como ferramenta para o controle do poder, afinal o projeto de nação, - comunidade imaginada, algo inventado assim como algo a ser alcançado (ANDERSON, 1989), - e da construção da identidade paranaense incluía o progresso, o desenvolvimento e o branqueamento, através da imigração de europeus, considerados morigerados.

## 2.5 TRAJETÓRIA NA FACULDADE DE ENGENHARIA

Em dezembro de 1939 foi iniciada a trajetória acadêmica de Enedina Marques em requerimento escrito a próprio punho enviado ao diretor da Faculdade de Engenharia do Paraná, ao qual solicitava inscrição para os exames de habilitação para ingressar no curso de engenharia civil do ano de 1940.

Enedina Alves Marques, nascida a 8 de janeiro de 1913 em Curitiba, Estado do Paraná, filha de Paulo Marques, pede a V. Excia a sua inscrição no Concurso de

Habilitação para a sua matrícula em 1940. Pede deferimento. Curitiba, 29 de dezembro de 1939. Enedina Alves Marques (Requerimento, 1940)<sup>19</sup>.

Depois de protocolado e confirmado o pagamento de 150\$000 e dado o visto pelo secretário, Valdomiro Teixeira de Freitas, o requerimento foi deferido pelo diretor, Arnaldo Isidoro Beckert, em 2 de fevereiro de 1940.

Entre os dias 12 e 29 de fevereiro, Enedina obteve as avaliações dos exames de habilitação consideradas satisfatórias nas disciplinas de Matemática, Física, Química, História Natural, Sociologia e Desenho com média 50. Daí foi emitido um certificado para efeito de matrícula em 15 de março de 1940. A 18 de março a matrícula de Enedina foi efetuada na FEP com a apresentação da certidão de conduta exemplar, caderneta emitida pelo Ginásio Paranaense e o pagamento da mensalidade de março num total de 275\$000<sup>20</sup>, embora as aulas só tivessem iniciadas em abril.

O ingresso dos acadêmicos no curso de engenharia acontecia com procedimentos iguais, todos tinham que demonstrar a documentação exigida e fazer o pagamento ali estipulado. Tratamentos iguais: são estas as primeiras impressões vividas por Enedina Marques na Faculdade de Engenharia do Paraná. Os valores pagos foram altos para uma professora e doméstica, pois o total de 425\$000 correspondia a quase dois salários mínimos na época<sup>21</sup>. “[...] Ela morou com a família do senhor Domingos Nascimento, a mãe dela era empregada lá na casa, [...], e a família dele ajudou muito prá ela entrar na faculdade, [...]” (ELENY, 2009).

Durante o ingresso de Enedina na faculdade em 1940 a instituição se tornou mais dispendiosa aos alunos devido ao bloqueio nos repasses das subvenções feitas pelo governo federal neste ano. Desde a sua fundação até 1932, as três instâncias de governo - federal, estadual e municipal, com cidades como Curitiba, Morretes e Ponta Grossa - contribuíram com subvenções que corresponderam a até 80% do total da arrecadação da FEP. Entretanto, nas cláusulas das subvenções havia uma contrapartida para os proletários e os seus filhos que

---

<sup>19</sup> ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. Solicitação de inscrição no Concurso de Habitação.

<sup>20</sup> Idem, op cit., Requerimento Solicitação de Matrícula, 1940.

<sup>21</sup> O salário mínimo no país foi instituído na constituição de 1934. A Lei nº 185 de janeiro de 1936 e o Decreto-Lei nº 399 de abril de 1938 regulamentaram a instituição dos vencimentos mínimos dos trabalhadores, e o Decreto-Lei nº 2162 de 1º de maio de 1940 fixou os valores do salário mínimo, que passaram a vigorar a partir de 1 de julho do mesmo ano com o valor de 240\$000 e este valor corrigido a valores de janeiro de 2011 seria de R\$ 1.202,29 . Para cada sub-região fixou-se um valor para o salário mínimo, num total de 14 valores distintos para todo o Brasil. A relação entre o maior e o menor valor em 1940 era de 2,67. Disponível em: <[http://www.soleis.com.br/salario\\_minimo\\_historia.htm](http://www.soleis.com.br/salario_minimo_historia.htm)>, <http://noticias.r7.com/economia/noticias/conheca-a-trajetoria-do-salario-minimo-desde-1940-20110216.html>, acesso em 06 jan 2013 às 09:00h.

deveriam lhes garantir a gratuidade do ensino superior com horas de serviços prestadas à instituição (PUPPI, 1986, p. 32).

Era frequente virem as listas dos nomes favorecidos com um número bastante superior ao do limite convencionado, e fácil verificar que, na sua maior parte, não se tratava de estudantes reconhecidamente carentes, [...] Eram admitidos gratuitamente não apenas os indicados e aceitos em decorrência da cláusula das subvenções mas também o aluno que fosse proletário ou filho menor de proletário sem meios para custear os seus estudos (PUPPI, 1986, p. 32).

Segundo o professor Puppi, os alunos que fizeram uso do programa de gratuidade foram as pessoas influentes da sociedade paranaense através dos seus parentes e amigos e Enedina não usufruiu deste direito pois, em grande medida, ela foi ajudada pelas famílias Nascimento e Caron, conforme relato de Elfrida:

Eu acredito que ela trabalhava para pagar os estudos, porque com certeza a minha tia nunca cobrou nada dela, ela morava lá, ela era como se fosse da família sabe. Então ela não precisava se preocupar com a condição de vida dela, então ela trabalhava só pra se vestir e estudar, esse era o programa dela e ela conseguiu (ELFRIDA, 2011).

Enedina não pagou moradia na casa de Iracema e Mathias Caron porque ali era também o seu local de trabalho. Havia uma contrapartida na relação entre Enedina e os seus patrões, pois ela “ajudava” a família nas atividades domésticas e os donos da casa não a remuneravam. O seu tempo para estudo durante a trajetória acadêmica foi sempre reduzido. Eleny que dormia no mesmo quarto com Enedina, a considerava bastante enérgica.

[...] Ela não queria conversa pra ir dormir, pouco a gente conversava, ela dizia na hora de dormir é pra dormir, [...] eu não podia dormir depois dela pra não incomodar nos seus estudos a noite toda, ela tomava café a noite toda para não dormir, pra poder estudar e copiar tudo aquilo. Eu perguntava Enedina você não vai dormir? Não, vou ficar bem quieta aqui. Todos os dias eu tinha que dormir no mesmo horário, pela manhã ao acordar eu tinha que arrumar a cama, senão estivesse esticada eu levava escovada, eu dizia que ela era a minha mãe preta, pra todo mundo [...] e ela gostava não ligava que eu falasse (ELENY, 2009).

Da mesma maneira o colega de Enedina, professor normalista e filho de pedreiro, Adelino afirma:

Enedina pagava [...], ela não ganhou o auxílio, o ensino gratuito era para os filhos dos peixinhos [...] pra mim eu pedi, eu pedi ao meu padrinho que era professor e que me ajudava [...] o requerimento morreu no protocolo, nunca ninguém foi lá atrás de mim, requeri três anos nunca consegui, o último ano quem conseguiu pra mim foi o Diretório de Engenharia, porém eu já estava em uma situação que era boa e a Enedina nunca conseguiu (ADELINO, 2011).

A trajetória de Enedina aconteceu em condições de intensas adaptabilidades ao curso de engenharia, de forma anual e em dois períodos<sup>22</sup> com disciplinas diferentes e algumas com pré-requisitos semestrais. Neste percurso, aconteceram vários embates entre Enedina e a instituição, os colegas e, sobretudo, com os professores. O espaço acadêmico da FEP na década de 1940 foi hegemonicamente masculino, elitizado econômica, social e com distinções étnicas que reproduziam os valores da sociedade paranaense da época, sobretudo de exclusão e invisibilidade do outro. Isto tornou o curso de engenharia, praticamente exclusivo ao grupo burguês paranaense.

Desde a fundação do curso de engenharia em 1912 até 1940 dois alunos negros haviam passados e sido diplomados pela instituição: Octávio de Alencar Lima, o qual fez parte da turma pioneira, e Nelson José da Rocha, respectivamente, em 1918 e 1938. Até então uma única aluna havia ingressado no curso de engenharia civil, Ruth Dória de Oliveira, em 1931. Aluna destaque do curso de engenharia dentre 32 alunos, Ruth obteve a segunda melhor média nos exames de habilitação e concluiu com resultado satisfatório as duas primeiras séries da grade acadêmica. Contudo Ruth abandonou o curso no terceiro ano sem se matricular e tampouco justificar os motivos pelo abandono (PUPPI, 1986, pp. 122-150).

Conradine Taggesell, a sexta mulher diplomada em engenheira civil na FEP em 1956, filha de engenheiro alemão e mãe bailarina clássica relata:

Éramos uns oitenta alunos e apenas três mulheres. Apenas eu de mulher me formei naquela turma, as outras duas colegas infelizmente desistiram. Eu me dava bem com os professores. Naquele tempo a faculdade de engenharia era reduto masculino. Só tinha professores homens, [...] eu era a única mulher a mascote, entre os colegas de turma, onde o patrono foi o professor Algacyr Munhoz Maeder, indicado por mim (CARVALHO et al, 2010, p. 7).

---

<sup>22</sup> ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. op cit., Ficha de Aprovação de Aluno, Ficha 248, Pasta 539, 1945.

Para além das diferenças citadas, destaca-se também que as estruturas físicas do prédio da faculdade não eram adequadas para as mulheres, o que as levou a fazer uso dos mesmos sanitários dos homens.

Diferentemente da fala da engenheira Taggesell, Eleny, a filha dos familiares com quem Enedina trabalhou e morou, relata as angústias passadas por Enedina e da necessidade de um escudo masculino para fazer frente ao temor e assombro dos homens diante da presença de Enedina em sua trajetória na FEP:

Quando ela entrou pra fazer engenharia houve um receio por parte dos colegas, de ver uma mulher se metendo no meio dos homens assim e fazendo engenharia, o meu tio Joto, o Harro Muller<sup>23</sup> que também estudavam juntos e emprestavam os cadernos que ela não podia comprar, eles estavam sempre juntos protegendo ela dos outros que começaram a fazer pouco (ELENY, 2009).

## 2.6 PRECONCEITOS ACADÊMICOS

Enedina Alves Marques teve uma trajetória acadêmica de seis anos na FEP devido à reprovação em algumas disciplinas. O curso de engenharia civil possuía uma duração de cinco anos. Entretanto, havia um elevado índice de evasão e reprovação ao longo do curso da turma que iniciava.

O histórico escolar de Enedina apresenta exames de segunda época e reprovações em diversos momentos. Elfrida relata que havia preconceito e perseguição no espaço acadêmico porque Enedina era bastante inteligente:

[...] ela foi reprovada algumas vezes, não sei em qual ano, em qual situação, que situação... (chora e faz uma pequena pausa), eu fico emocionada, na época da faculdade ela falava, ela sempre falava prá gente, porque ela foi reprovada e ela dizia: Eu não desisto, (pausadamente), eu vou até o fim, um dia eles enjoam da minha cara e me aprovam. E foi o que realmente aconteceu, ela não desistiu não, foi em frente (ELFRIDA, 2011).

Ao iniciar o curso em 1940, Enedina foi reprovada nas cadeiras de Cálculo Infinitesimal e Geometria Descritiva, e foi aprovada em segunda época no ano de 1941 em Cálculo Infinitesimal e em Geometria Descritiva em 1942. Em 1941, foi reprovada em

---

<sup>23</sup> Harro Olavo Muller se formou junto com Joto Ângelo Caron na turma de 1946, e o Orlando Eugênio Muller se formou com a Enedina em 1945.

Mecânica Racional Precedida de Elementos de Cálculos Vetorial disciplina considerada pré-requisito para disciplina de Física 1ª Cadeira, desta forma ficou impossibilitada de prestar exame de Física 1ª Cadeira e de cursar a disciplina de Resistência dos Materiais, Grafoestática.

Em 1942 foi reprovada novamente na disciplina de Mecânica Precedida de Elementos de Cálculos Vetoriais e continuou impossibilitada de prestar exames em Física 1ª Cadeira e de cursar Física 2ª Cadeira e Mecânica Aplicada, além de não poder cursar, novamente, Resistência dos Materiais, Grafoestática. Em 1943 prestou exames de segunda época em Mecânica Racional Precedida de Elementos de Cálculos Vetorial tendo conseguido aprovação e, foi reprovada em Física 1ª Cadeira. Uma vez mais prestado os exames em Física 1ª Cadeira, Física 2ª Cadeira e Mecânica Aplicada para as quais conseguiu aprovações, e não obteve média para Resistência dos Materiais, Grafoestática<sup>24</sup>.

Em 1944, foi submetida mais uma vez à avaliação de segunda época na disciplina de Resistência dos Materiais, Grafoestática e não conseguiu a aprovação, pois a nota na prova escrita obtida 5,0 e na prova oral 1,0.

Diante do fato das sucessivas reprovações, seu colega Adelino foi perguntado se Enedina havia sido perseguida na faculdade e respondeu:

A única coisa que eu sei é que em uma prova o professor L disse prá Enedina, assim me contaram os colegas, - você não satisfez o meu exame. Não satisfeita, ela foi buscar o livro e falou: eu disse, o que o senhor escreveu no seu livro, [...] e deduzi que tal coisa é isso, é o mesmo do seu livro que eu vejo aqui. E aí ele não gostou, [...] ela mostrou no livro: o que eu deduzi professor lá no quadro, e a conclusão que eu cheguei estão escritos aqui no seu livro. É que ele tem um livro de Resistência dos Materiais, e daí ele teve que abaixar a crista (ADELINO, 2011).

E ainda, sem ter conseguido a aprovação na disciplina de Hidráulica Teórica e Aplicada não obteve média para prestar os exames finais à cadeira de Resistência dos Materiais, Grafoestática e, conseqüentemente, por esta ser pré-requisito da cadeira de Estabilidade das Construções não foi possível prestar exames da última disciplina.

Segundo Adelino, a atitude do professor foi preconceituosa, porque ele também passou por uma situação de falta de respeito ao aluno com o mesmo professor.

---

<sup>24</sup> ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. op cit., Histórico Escolar, Ficha 248, Pasta 539, 1940.

Enedina sofreu, e eu sofri [...] sabe o que ele fez pra mim? Na primeira época eu tirei uma nota ótima e ele não considerou, e me reprovou. Fui obrigado a fazer exame em segunda época. Ele escreveu lá: A questão não convence, a questão é idêntica a da prova do Nei Pompeu Machado, [...] e fui lá falar com ele ver qual o motivo da anulação, disse: Doutor eu e o Nei fizemos prova no mesmo horário e em salas diferentes. Eu não ia fazer um erro desses, seria uma barbaridade, eu não era assim... (aumentou o tom de voz e chorou e continuou); professor o senhor me perdoe, me desculpe, mas o senhor fez isso. [...] então ele disse: vamos lá à secretaria, ele olhou a prova, e de fato (...) a prova está idêntica a do Nei, vocês fizeram a prova em salas diferentes, mas eu não volto atrás, e daí, injustamente, fiz exame em segunda época em 1946 e fui aprovado (ADELINO, 2011).

Em 1945 Enedina prestou o exame de segunda época na disciplina de Hidráulica Teórica e Aplicada e foi aprovada. Diante do resultado positivo submeteu-se ao exame de Resistência dos Materiais, Grafoestática e foi também aprovada com nota na prova escrita 1,0 e a prova oral 6,0, grau 4,0 - a pesquisa percebeu que houve uma inversão nas notas entre as provas escritas e as orais dos exames da época para a segunda época. Finalmente em 1945, matriculou-se na disciplina de Estabilidade das Construções do 4º ano, e também em todas as cadeiras do 5º ano quando conseguiu aprovação em todas as disciplinas. A última avaliação aconteceu no dia 15 de dezembro de 1945, 24 horas antes da colação de grau de Engenharia Civil em sessão solene e com a expedição do diploma de Engenharia Civil no dia posterior, como segue:

FACULDADE de ENGENHARIA do PARANÁ [ ]... Faço saber aos que presente virem, que Enedina Alves Marques, filha legítima de Paulo Marques e dona Virgília Alves Marques, nascida em Curitiba, Estado do Paraná, a 8 de janeiro de 1913, foi julgada habilitada para exercer a profissão de Engenheiro Civil, cujo curso terminou no ano letivo de 1945, pelo regime do Decreto n. 19852 de 11 de abril de 1931. E, para que goze dos direitos e prerrogativas inerentes a essa profissão, mandei passar o presente diploma de Engenheiro Civil, que vai por mim assinado, pelo Secretário da Faculdade, pelo Inspetor Federal e pelo próprio Engenheiro.

Faculdade de Engenharia do Paraná, em Curitiba, 16 de dezembro de 1945<sup>25</sup>.

## 2.7 ANÁLISES DA PESQUISA

Puppi afirma que Enedina teve a conclusão do curso facilitada devido à solicitude e a colaboração dos colegas. O estudo identificou a solidariedade de alguns colegas e amigos quanto ao empréstimo de material e livros com objetivo destes serem copiados. Entretanto, a

---

<sup>25</sup> ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR: Diploma de Engenheiro Civil de Enedina Alves Marques, Ficha 248, Pasta 539, 1945.

pesquisa anotou também por parte da instituição, professor e de outros colegas, demonstrações de tratamento diferenciado com a estudante Enedina Alves Marques. Foram encontradas para os demais estudantes formas de tratar diferenciadas e com privilégios, em comparação à mesma, em diferentes momentos, sendo estas de forma preconceituosa e discriminatória.

Desta maneira, para dar curso à análise no primeiro momento, o estudo buscou comparar o desempenho acadêmico de Enedina a partir do seu histórico e assentamentos na disciplina de Resistência dos Materiais e Grafoestática, ofertada pelo Professor F S L com o desempenho de outros três alunos de engenharia civil na FEP na possibilidade de encontrar respostas para as questões observadas. A disciplina foi determinante para um maior investimento acadêmico na conclusão do curso por Enedina, e representou um ano a mais de desgaste emocional em função das exigências acadêmicas.

Destes alunos, dois eram estudantes de sexos diferentes, brancos que possuíam parentes influentes no meio social paranaense, familiares com trajetória no ensino superior em engenharia civil e que não tiveram que trabalhar, e o terceiro estudante, um homem negro com parentes sem influência no meio social paranaense, familiares sem trajetória no meio acadêmico e que tivesse exercido uma atividade remunerada durante o curso assim como Enedina. Todos os estudantes selecionados, também tinham que ter concluído o curso de engenharia para que houvesse paridade com a aluna Enedina Alves Marques nos quesitos gênero, socioeconômico, cultural e étnico.

O período observado foi nos anos 1945, 1946 e 1949 por terem sido os anos em que a disciplina foi aplicada para os diferentes alunos selecionados. A origem profissional é pensada como uma definição que implica a ideia de origem econômica, ou mesmo, precedência social e indica as ocupações extras dos alunos em paralelo com a realização do curso. O gênero é raciocinado a partir do conceito da Scott onde, “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1994, p. 13), como já foi citado anteriormente.

A idade é dada a pensar a partir da fase de vida em que cada aluno ingressou no curso e a mesma com que cada aluno finalizou a disciplina de Resistência dos Materiais e Grafoestática com o mesmo professor. A etnia também é pensada sob o prisma de Octávio Ianni nos resultados das suas pesquisas em Curitiba, pelas identidades culturais defendidas por contraste de valores distintos de cada grupo, que podem ser equivalentes ou não, também citados anteriormente, ao mesmo tempo em que o uso da cor da pessoa representa uma

classificação social para época. As notas são as médias utilizadas e transcritas dos resultados das avaliações orais e escritas observadas em cada um dos assentamentos dos alunos e perpassados para os respectivos históricos acadêmicos. Já o grau são os valores das médias em número inteiro subseqüente às médias recebidas pelos acadêmicos.

No segundo momento, foram selecionados os estudantes brancos, M L S, que concluiu o curso em 1951, e sobrinho de professor universitário F S L, foi monitor e bolsista; e F M G<sup>26</sup>, filha de casal de engenheiros franceses, a segunda estudante diplomada no Paraná em 1951. Ainda foi selecionado o estudante negro Adelino Alves da Silva, - filho de casal liberto, pai pedreiro e mãe doméstica, foi professor normalista, concluiu o curso em 1947-, para averiguar e comparar com a trajetória acadêmica de Enedina Alves Marques que concluiu o curso em 1945, - filha de casal liberto, pai sem profissão definida e mãe doméstica, - professora normalista e doméstica.

No terceiro momento, a partir dos dados observados, foi construída uma tabela e considerados os desempenhos individuais de todos, nas avaliações que constam em seus assentamentos e, transcritas para os históricos acadêmicos, as médias e as estas conferidas os devidos graus. Grau é uma classificação sempre para cima com a aproximação das médias encontrada em todos os Assentamentos Escolares, decorrentes dos exames e provas.

A tabela foi construída com o período em que cada aluno cursou a disciplina, os nomes dos alunos, as atividades desenvolvidas durante o curso, o gênero, a idade de entrada na faculdade e a idade com que a disciplina foi ministrada, o grupo étnico ao qual cada aluno pertencia, as médias para aprovação na disciplina e, finalmente, os respectivos graus correspondentes às médias individuais.

Ano	Acadêmico	Atividades	Gênero	Idade	Etnia-Cor	Médias	Grau
1949	M L S	Estudante/Monitor	Masc	18/20	Branca	5,75*	6,0
1946	Adelino	Normalista	Masc	27/29	Negra	4,5	5,0
1949	F M G	Estudante	Fem	18/20	Branca	4,0 (4,75)*	5,0
1945	Enedina	Normalista/Doméstica	Fem	27/32	Negra	3,5	4,0

27

Observações:

<sup>26</sup> Conf. Requerimento de Matrícula para a 5ª série da Escola de Engenharia da Universidade do Paraná F M G, engenheira e arquiteta, durante o curso de engenharia fez a opção também pela cadeira de Arquitetura com Saneamento e Traçados da Cidade e as demais disciplinas para conclusão do curso de engenharia, 1951. Após o curso fez especialização em Planejamento Urbano em Paris. Isto, a torna pioneira em planejamento urbano na cidade de Curitiba. Possui um ponto de memória no Jardim Botânico de Curitiba em sua homenagem.

<sup>27</sup> Tabela observada na monografia de Lucilene Soares e, Construir a diversidade brincando: como os jogos podem contribuir no debate étnico-racial no espaço escolar, adaptada para pesquisa.

\*M L S foi monitor e recebeu bolsa do curso de engenharia e não consta no seu assentamento escolar a nota da sua prova oral, consta somente uma nota, o da prova escrita.

\*F M G possui valores diferentes na avaliação entre o seu assentamento escolar e o seu histórico acadêmico, no primeiro aparece a média 4,0 e no histórico acadêmico está transcrita a média 4,75.

O Desempenho acadêmico de Enedina Alves Marques se encontra em último lugar na comparação com os dados dos históricos acadêmicos dentre todos os colegas – M L S média 5,75<sup>28</sup> grau 6,0, F M G média 4,0 perpassada (4,75)<sup>29</sup> grau 5,0, Adelino da Silva média 4,5<sup>30</sup> grau 5,0, Enedina Marques média 3,5<sup>31</sup> grau 4,0 - o que, à primeira vista, pode parecer que a mesma teve um rendimento inferior a todos os alunos analisados.

Os resultados da pesquisa encontrados através da trajetória de Enedina na FEP não determinam uma inferioridade intelectual ou de qualquer outra natureza por a mesma ser mulher, pobre e negra. Ildfonso Puppi (1986) ao dar uma visibilidade às mulheres diplomadas pela FEP e, em seguida, condicionar a conclusão do curso de Enedina à solicitude e à colaboração dos colegas, reproduziu e fortaleceu uma construção social embasada nas distinções entre os sexos, assim como denotou poder por parte de um grupo hegemônico.

Conseqüentemente, o professor retirou-lhe o mérito do esforço empreendido com sua força de vontade, coragem e disciplina, para subverter uma distinção social. Desta forma, é reafirmado o preconceito e discriminação de gênero, classe e etnia construída pela sociedade e presente na instituição como foi percebido no caso de Enedina.

Ao confrontar e averiguar os históricos e assentamentos acadêmicos entre os estudantes de sexos diferentes brancos com influências no meio social paranaense versus dois estudantes de sexos diferentes negros e trabalhadores, entre si, durante o período de 1945 a 1951, notou-se um tratamento diferente da instituição que privilegia os estudantes brancos em detrimento aos estudantes negros.

A branquidade normativa, a identidade padrão, presente na elite burguesa paranaense foi encontrada também dentro da FEP, na qual um homem branco e de classe social alta, é considerado a identidade ideal do paranaense. Dessa maneira, apareceu à prerrogativa da mulher branca sobre o homem negro, e o proveito do homem negro sobre a mulher negra. O lugar de onde se fala, de onde se vem e quem fala teve influência durante o transcorrer do

---

<sup>28</sup> ARQUIVO DO SETOR TECNOLÓGICAS DA UFPR: Assentamento Escolar 1949 e Histórico Acadêmico. Pasta número 1348.

<sup>29</sup> Idem: Assentamento Escolar 1949 e Histórico Acadêmico. Pasta número 1326.

<sup>30</sup> Idem: Assentamento Escolar 1946 e Histórico Acadêmico. Pasta número 801.

<sup>31</sup> Idem: Assentamento Escolar 1945 e Histórico Acadêmico. Pasta número 539.

curso na parte socioeducativa, além do privilégio de ser classe social superior, o fato de ser homem para as etnias verificadas mostrou também favorecimento por parte do sexo masculino sobre a mulher negra.

### 3 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE ENEDINA

A vida de Enedina, desde criança, foi pautada no aprendizado e no fazer das tarefas domésticas como era comum às outras crianças de extratos mais baixos da sociedade curitibana do mesmo período. Acompanhou e foi preparada pela sua mãe para as tarefas do cotidiano nas práticas domésticas: “ela costurava, ela cozinhava, ela bordava, ela fazia tricô” (ELFRIDA, 2011). Ainda criança, Enedina trabalhou como babá e depois como criada de servir em diversas casas de famílias de Curitiba, assim como outras crianças de classe social mais pobre. Mesmo depois de ter concluído o curso de normalista após um período de três anos lecionando em vários municípios do Estado, ao retornar para Curitiba, retomou as atividades de empregada doméstica em paralelo com o magistério, na casa da família do mestre de obras e construtor Mathias Caron (ELENY, 2009).

Em 1932, após ter sido diplomada pelo Instituto Paranaense em magistério, Enedina concorreu ao cargo de professora normalista. Foi aprovada para lecionar na rede pública de ensino e, em 16 de julho<sup>32</sup> do mesmo ano, foi admitida na Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado do Paraná. No período entre 1932 e 1935 teve passagem em várias escolas públicas dos municípios de São Matheus do Sul, Cerro Azul, Rio Negro, na Escola Isolada de Passaúna em Campo Largo e em Curitiba na Escola da Linha de Tiro do Juvevê (NICOLAS, p. 105).

Elfrida relata que o percurso entre a casa dos Caron e o segundo local de trabalho de Enedina - a Escola da Linha de Tiro - era facilitado pela pouca distância existente entre ambos. “Ela dava aula ali no Hugo Lange ficou fácil prá ela e, ali na Rua Almirante Tamandaré, já era pertinho nem precisava ela pegar ônibus prá ir trabalhar na escola” (ELFRIDA, 2011).

Neste período, em 1935, ao fixar residência com a família Caron, Enedina alugou uma pequena casa em frente à Escola Nossa Senhora Menina e instalou uma Escolinha para complementar os seus rendimentos para pagar os estudos complementares, ajudar a família e fazer uma poupança. Nesta escolinha, Enedina dava aula particular para as crianças que não acessavam a escola pública.

Ela era professora normalista, a escola era dela que ela dividiu uma sala por filas 1º, 2º, 3º e 4º, abriu para ajudar aquela meninada, [...], e era bastante enérgica, quando as crianças faziam alguma coisa errada ela atirava o apagador [...] Ela era braba mesmo, mas muitos passaram por ali, [...] e às vezes a gente encontra alguém que

---

<sup>32</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ: FICHA FINANCEIRA FUNCIONAL. Enedina Alves Marques. DEAP.

diz, olha a Enedina era braba hein! Funcionou até quando ela foi trabalhar no Capivari (ELENY, 2009).

Elfrida confirma parte das lembranças de Eleny que, em 1937 Enedina já ensinava em uma sala de aula: “ela era uma professora para as quatro séries: 1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º, todos os alunos em uma sala e uma só professora, a Enedina, ela dava aula na parte da tarde, eu ia de manhã prá aula” (ELFRIDA, 2011). Enedina ao morar com a família Caron, como enfatizam Eleny e Elfrida, continuou desenvolvendo atividades domésticas em paralelo com as outras atividades de ensino público e privado, ajudando Iracema Caron a fazer o almoço pela manhã, levar a menina Eleny Caron para a Escola Nossa Senhora Menina e cuidar dos seus três irmãos. “Ela estava sempre pronta para ajudar a minha mãe que era dona de casa, nas costuras, no almoço, no arrumar da casa” (ELENY, 2009), além de cursar a faculdade.

Todas estas atividades citadas foram desenvolvidas em paralelo com os estudos para capacitação no magistério no Ginásio Novo Ateneu<sup>33</sup>, a preparação para a faculdade no Ginásio Paranaense Externato<sup>34</sup> e durante todo o curso de engenharia civil.

Durante a ausência do casal Caron para viagens a trabalhos no interior do estado ela ficava com a responsabilidade de cuidar da casa e das crianças. É possível notar que durante todo o período da capacitação, qualificação profissional e formação acadêmica de Enedina, ela desenvolveu em paralelo uma quádrupla jornada de atividades ajudada algumas vezes pela Inhá Duca, sua mãe: “a mãe dela era bem vinda lá em casa passava dias lá em casa, principalmente quando a minha mãe ia viajar, ela também cuidava da gente” (ELENY, 2009).

Enedina Alves Marques não obteve reconhecimento pelo sistema previdenciário do longo período que trabalhou como empregada doméstica. Entretanto, no serviço público estadual solicitou e obteve o direito à bonificação de seis meses de licença das funções de professora, por ter trabalhado sem afastamento das suas funções durante o período de 10 anos, entre julho de 1932 a julho de 1942.

No período de agosto de 1942 a fevereiro de 1943, Enedina se dedicou com mais tenacidade aos estudos acadêmicos, isto devido aos sucessivos exames de segunda época e reprovações nas principais disciplinas para uma continuidade do curso de engenharia<sup>35</sup>. Em 1943, ao retornar as atividades em classe foi promovida e classificada como Professora

---

<sup>33</sup> Ginásio Ateneu: Histórico Escolar Ginásio Ateneu – Curso de Madureza- Artigo 100, 1938.

<sup>34</sup> ARQUIVO DO GINÁSIO PARANAENSE EXTERNATO: Comprovante de pagamento, março de 1938 e Certificado de curso complementar, Classe C, 4 de dezembro 1939 e Comprovante de pagamento, março de 1938.

<sup>35</sup> ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. op cit., Ficha de Aprovação de Aluno, Ficha 248, Pasta 539, 1945.

Normalista 2ª classe na antiga Escola da Linha de Tiro da Capital. Lá ocupou esta função até 26 de dezembro de 1944, quando passou a figurar na parte permanente do quadro geral do serviço público estadual como Professora Normalista padrão H, em grande medida, por seus estudos na faculdade de engenharia, conforme determinava o Decreto Estadual 2.030.

Antes de Enedina, outras mulheres já haviam quebrado o paradigma masculino na educação paranaense. A Professora Júlia Wanderley foi a primeira professora normalista diplomada de Curitiba e do Estado do Paraná em 1892, e é considerada referência e *prima inter pares* entre os professores (NICOLAS, 1977, pp. 181-182). Imediatamente à sua diplomação, foi nomeada para administrar a nona cadeira de instrução primária da capital e, em seguida, dois anos depois iniciou a lecionar na sala de aula. Em homenagem e reconhecimento ao seu pioneirismo foi instalado um busto de bronze em frente ao prédio da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade.

Outras professoras foram destaques no estado paranaense antes de Enedina. Maria Nicolas, talvez, a primeira professora normalista negra do estado paranaense é uma delas. A escritora e pesquisadora de temas relacionados à política, cultura e personalidades do Paraná foi diplomada em 1916. Durante várias décadas lecionou em Curitiba e a sua trajetória no magistério foi marcada com várias injustiças pelos próprios colegas: "Dizem que a inveja atrasa a vida do invejado, eu acho que sim, pois apesar de me dedicar ao magistério primário com amor e dedicação, sempre sofri injustiças e má vontade dos colegas" (NICOLAS, apud: MILLARCH, 1988, p. 9).

### 3.1 POR QUE SER ENGENHEIRA?

O que motivou o interesse de Enedina Alves Marques pelo curso de engenharia não se sabe ao certo. Teriam as diversas passagens em escolas por cinco diferentes municípios do estado em apenas três anos de carreira no magistério, (NICOLAS, 1977, p. 105) dificultado a continuidade de seus projetos de ascensão profissional e pessoal? Como se tornaria uma diretora de ensino sem estar fixa a um estabelecimento de educação? A influência e patrocínio da família Nascimento teria sido determinante para as suas escolhas? Ou ainda, teria sido maior a influência do amigo e colega Joto Caron, com quem estudou desde o curso Madureza

e que veio a se tornar empresário da construção civil no estado, juntamente com o seu irmão o construtor Mathias e o engenheiro Harro Muller<sup>36</sup>?

As pessoas que conviveram com Enedina não souberam informar o porquê do seu interesse pelo curso de engenharia civil. As hipóteses foram muitas, desde a ideia que nos seus espaços de trabalho - o doméstico e a escola - ela não sofria preconceitos, até a opinião que as dificuldades estavam restritas ao curso de engenharia civil porque as mulheres demonstravam pouco ânimo aos estudos tecnológicos e, por ser o espaço acadêmico o local tradicional da elite burguesa, masculina e branca.

Todas as hipóteses levantadas contribuiram para pensar e construir uma narrativa do que significava ser mulher nos anos 1940, suas diversas funções na sociedade e as suas contribuições para o Paraná. “Eu não sei como ela foi chegar lá no curso de engenharia, não sei, qual foi o interesse dela, [...] lá ela sofria muito preconceito” (ELFRIDA, 2011). No pensamento de Eleny, filha do Mestre de Obras Mathias e sobrinha do Joto Caron, a engenharia era uma espécie de obsessão para Enedina: “ela não queria ser outra coisa, ela queria era ser engenheira” (ELENY, 2009).

Dentre os motivos apontados pelo professor Puppi, de que as mulheres tinham pouco entusiasmo pelos estudos tecnológicos e os reforços das circunstâncias sociais da época ao desestimulante mercado de trabalho que levavam os engenheiros a se afastarem para outras atividades mais compensatórias, em grande medida, não responde a questão. A afirmação de que dentro da FEP havia um ambiente favorável a presença das mulheres, sobretudo com uma convivência pautada no bom amparo de todos, também, não responde o porquê do interesse da Enedina pela engenharia.

[...] as mulheres, indistintamente, foram acolhidas com simpatia geral, sem discriminação pelos alunos e sem diferenciação pelos seus mestres, receberam sempre de todos o tratamento respeitoso e condigno, o que lhes propiciou um ambiente escolar sereno e descontraído (PUPPI, 1986, p 122).

Nota-se na afirmação do professor uma generalização e simplificação como se todas as mulheres fossem iguais e tratadas com o mesmo respeito que se tratavam aos homens dentro da faculdade. Além de se desconsiderar que a mulher de classe social inferior, filha de

---

<sup>36</sup> Mathias Caron foi mestre de obras depois se tornou empresário da construção civil e sócio dos engenheiros Harro Mueller e Joto Ângelo Caron na Construtora Mueller & Caron.

doméstica e negra tivesse, ao longo da sua trajetória acadêmica, um tratamento igual ao de uma mulher de classe social igual ao do grupo hegemônico e branco.

Existem marcas nas palavras do professor Puppi de um discurso ideológico que opera no sentido de unificar e depois legitimar todos os indivíduos em uma identidade coletiva, seguindo um referencial padrão (THOMPSON, 1995). É como pensar que as outras mulheres brancas e filhas de engenheiros formadas na FEP – F.M.G. e Conradine Taggesell - tivessem tido o mesmo tratamento dispensado à Enedina Alves Marques.

### 3.2 TRAJETÓRIA DA PRIMEIRA ENGENHEIRA DO SUL DO BRASIL

Até 1940, segundo Pedro Telles, no Brasil não existiam mais que quatro mulheres diplomadas em engenharia, todas elas formadas pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e exerciam as suas funções de engenheira civil no então Distrito Federal (TELLES, 1994, p. 398). No Paraná foram poucas as mulheres que buscaram a inserção no espaço acadêmico, e as que procuravam seguiam a tendência nacional, de buscar um curso no setor de saúde, de humanas e no curso de direito (JORNAL GINÁSIO PARANAENSE, 1939, pp. 2-5).

Conforme Pedro Telles as engenheiras no Brasil começaram a se formar a partir das duas primeiras décadas do século XX. Nos registros do livro Jubileu da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, 1873 – obra que registra os formados até 1924 – aparecem os nomes de Edwiges Maria Becker, Anita Dubugras, Iracema da Nóbrega Dias e Maria Esther Corrêa Ramalho, que receberam seus diplomas em 1919, 1920, 1921 e 1922, respectivamente. A primeira mulher a se graduar em engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1928, foi Anna Frida Hoffman. A segunda engenheira Josephina Pedroso Rosenburg se graduou na mesma escola em 1945 (TELLES, 1994, p. 398).

Também, Carla Cabral fez um estudo nos períodos de criação e fundação das faculdades de engenharia no sul do Brasil, e reconheceu que a mais antiga na região é a Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), implantada em 1896, três anos depois da Politécnica de São Paulo. Entretanto, a primeira mulher na engenharia diplomada na Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul, foi a engenheira Ducy Vargas Alves que se diplomou em Engenharia Civil em 1950. Após três anos foi diplomada Helena Amélia Oehler Stemmer (CABRAL, 2008, pp. 1-12).

Outra faculdade de engenharia da região sul, a Universidade Federal de Santa Catarina foi fundada em 1960, e a sua Escola de Engenharia Industrial, foi oficialmente instalada em 12 de março de 1962. É reconhecida por Cabral que Helena Amélia Stemmer foi a primeira engenheira professora do CTC/UFSC, esta originada da Escola de Engenharia Industrial (EEI) criada em 1966.

Em 1945, Enedina Alves Marques ao ser diplomada passou a ser a pioneira, a primeira mulher engenheira na Região Sul do Brasil. Para além da satisfação pessoal, o fato é grandioso para o estado paranaense assim como a sexta engenheira diplomada do país, juntamente com Josephina Pedroso Rosenberg do estado de São Paulo. Enedina é considerada por Shuma Schumacher e Érico Vital Brasil a primeira mulher negra formada em engenharia do país (SCHUMACHER et al., pp. 282-285).

Enedina Alves Marques ao enfrentar dificuldades, preconceitos e estereótipos na Faculdade de Engenharia do Paraná e em uma Curitiba, considerada pelo poeta e escritor Dário Vellozo - que poderia estar a olhar para a figura franzina e ativa da acadêmica na faculdade de engenharia -, como um local que não lhes faltava recursos necessários, sobretudo recursos humano para o progresso, “pois que todos os requisitos das metrópoles modernas” (VELLOZO, 1942, p. 113) existem em Curitiba, conseguiu superar barreiras sociais, econômicas, culturais, políticas e étnicas ao demonstrar ser uma mulher do seu tempo de olho no futuro.

### 3.3 A CARREIRA PROFISSIONAL DE ENEDINA COMO ENGENHEIRA

Imediatamente diplomada, Enedina Alves Marques regularizou a sua situação na nova profissão de Engenheira conforme determinação do decreto federal nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933, que regulava o exercício das profissões de arquiteto, de agrimensor e de engenheiro, e tornou exclusivo o exercício das atividades tecnológicas aos profissionais diplomados e registrados no Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Paraná, (CREA-Pr.).

Após cumprir todos os procedimentos legítimos do conselho de engenharia, apresentação do diploma, documentos pessoais e o pagamento de uma taxa no valor de 200\$000 recebeu o seu registro de nº 346-A e obteve a sua carteira profissional em definitivo

pelo conselho de classe expedida com nº 483 D em 9 de agosto de 1946<sup>37</sup>. Contudo, em 11 de fevereiro de 1946, deu entrada e protocolou na Secretaria de Educação do Estado o seu Diploma de Engenheira Civil assinado pelo Diretor da Faculdade de Engenharia do Paraná.

Enedina foi exonerada do cargo de Professora Normalista padrão H da antiga Escola da Linha de Tiro da Capital e classificada na função de Auxiliar de Engenheiro<sup>38</sup>, e transferida para prestar serviços na Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP). Em março de 1947, com a posse do Governador Moisés Lupion, a SVOP esteve sob a responsabilidade de Benjamim de Andrade Mourão, que pôs em prática a política de infraestrutura que incluía também um plano hidroelétrico para o estado, sobretudo, com aproveitamento das águas dos rios Capivari, Cachoeira e Iguaçu, além da instalação dos serviços de água e esgoto nos municípios<sup>39</sup>.

Por mais de cinco anos Enedina exerceu função de Auxiliar de Engenheira para a nova secretaria designada e lotada no Departamento Estadual de Águas e Energia Elétrica (DAEE). Segundo Maria Nicolas no (DAEE) Enedina desempenhou diversos cargos após ter deixado a sala de aula, começando como Fiscal das obras do estado. Ao demonstrar um bom desempenho foi designada a comandar e foi a primeira engenheira a chefiar a Divisão de Engenharia da Secção de Estatística do Estado. Ao efetuar levantamento de vários rios do estado passou a Fiscal das Obras da Usina Hidráulica de Cotia no município de Antonina, e foi a responsável pelo levantamento topográfico do canal adutor entre os rios Saci e Cotia (NICOLAS, 1977, p.106).

A responsabilidade atribuída a Enedina nos projetos, nas execuções das tarefas e nos cargos desempenhados foi recompensada funcionalmente após a publicação de concurso público através da Portaria 221/1949. A nova função de Engenheira na carreira de servidora pública ocorreu através de concurso oficial interno realizado. Em 01 de janeiro de 1950 foi classificada Engenheira e, em 26 de janeiro de 1951, foi nomeada e reclassificada Engenheira classe Q do quadro geral da SVOP, (DAEE), pelo Decreto 13.890. Às vésperas da mudança do comando do governo, em 29 de novembro de 1950 com a Portaria 229 foi transferida da SVOP para a Secretaria de Educação, porém, com atuação na SVOP.

Foi durante o período do Governo Lupion que Enedina começou a ganhar destaque no cenário da engenharia nacional e, também, o reconhecimento profissional (BANDEIRA et MACEDO, 2000, p. 9) ao participar do projeto da usina hidrelétrica Capivari Cachoeira. Esta

---

<sup>37</sup> ARQUIVOS DO CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA DO PARANÁ, CREA-PR. Registro e cadastro profissional.

<sup>38</sup> Nota; Os documentos analisados, sempre, trazem o título da Enedina no masculino.

<sup>39</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO: Conf. Diário Oficial do Estado de 02/10/48.

construção constava no plano de metas do Governador Moisés Lupion, março de 1947 a janeiro de 1951, conforme o Plano Hidroelétrico Paranaense elaborado pelo Departamento Estadual de Água Energia Elétrica (DAEE), em 1948. Neste foi detalhado como se pretendia realizar o aproveitamento das águas das bacias do Rio Capivari e Rio Cachoeira, dividindo todo o seu potencial em quatro centrais, que ao todo perfaziam 242.000 HP para suprir de energia elétrica Curitiba e região.

Paralelamente ao projeto hidroelétrico, a Engenheira Enedina atuou no trabalho de campo na topografia para construção da Usina Hidroelétrica Capivari Cachoeira, denominada posteriormente, Usina Parigot de Souza. Além de ter calculado, fiscalizado a construção de várias pontes na estrada que liga o porto de Cacatú à Usina de Cotia (NICOLAS, 1977, p.106). Enedina em parceria com o engenheiro Ernesto Máximo participou ativamente de projetos e construções de grupos escolares, como o Colégio Estadual do Paraná e da Casa dos Estudantes Universitários, espaço para estudantes do interior do estado e de outras regiões do país. Conforme relata Adelino,

[...] Enedina se especializou mais na administração de edificações e na construção da usina Capivari Cachoeira. Ela participou ativamente nesta usina, na construção dessa usina, as pessoas se admiravam que na usina ela colocava uma calça e se metia lá na obra da Usina Parigot de Souza (ADELINO, 2011).

Durante o período em serviço de campo segundo relato de Eleny, Enedina teve que enfrentar os preconceitos dos funcionários subordinados a ela pelo fato de ser mulher:

[...], Ela ia de calça comprida, naquele tempo você não via mulher de calça comprida, bota e o revólver na cintura porque os peões passaram a caçar dela e ela pequeninha que era não tinha como se defender, comprou uma arma, mexia com ela, aí ela atirava, daí começaram a respeitá-la, o local de trabalho era distante e ela passava três, quatro noites no acampamento, aí ela se impôs (ELENY, 2009).

Benedito Farias ressaltou a importância de Enedina e a presença das mulheres engenheiras nas engenharias, e a consequente questão de gênero no mercado de trabalho com o objetivo de observar a existência da discriminação em relação ao sexo feminino no exercício da profissão de engenheira (FARIAS, 2007, pp. 34-35) e se mostrou surpreso e curioso, por ainda existir os preconceitos contra negros, pobres e mulheres liberadas, após décadas do ingresso de Enedina no segmento tecnológico.

O colega de Enedina do curso e de congressos, Engenheiro Adelino Alves da Silva, corrobora com o discurso de Eleny ao falar do seu pulso firme ao lidar com os seus comandados, “Ela era respeitada como engenheira (fala firme). Tinha personalidade que muita gente não tem (sorriu e se emocionou com lágrimas). Sabe o que é personalidade? Saber se manter... (colocou a mão sobre a mesa e olhou firme)” (ADELINO, 2011).

Também, ao enaltecer a engenharia paranaense com a própria memória, sobretudo na construção do conjunto das hidroelétricas no estado, Rafael Greca de Macedo, em discurso feito na Assembleia Legislativa do Paraná, lembra a inteligência e a capacidade dos engenheiros paranaenses,

[...] desde o arrojo de Capivari-Cachoeira, a usina hidrelétrica que lança as águas de um rio de Campina Grande, no leito encachoeirado de outro rio do litoral; através de um túnel escavado no maciço granítico da Serra do Mar [...] obra magistral de engenharia, onde brilharam a inteligência e a precisão do professor Pedro Viriato Parigot de Souza, a capacidade determinada da engenheira negra Enedina Marques, a primeira mulher engenheira do Estado do Paraná (GRECA, 2006)<sup>40</sup>.

Ainda em 26 de novembro de 1951 o Decreto 3504, determinou depois de solicitado pela Enedina, que o período de 05 anos e 01 mês, compreendido entre 01 de janeiro de 1946 e 31 de janeiro 1951, em que a mesma prestou serviços como extra numérico fosse considerado em sua trajetória como servidora pública como engenheira e foi atendida.

Em 1956, durante a segunda passagem de Moisés Lupion pelo governo do Estado do Paraná, ficou determinada através do Decreto nº 1.020/1956 a transferência de Enedina Alves Marques do (DAEE), departamento da SVOP para Secretaria de Educação e Cultura por solicitação do secretário Nivon Weigert, para chefiar o serviço de engenharia da secretaria com a justificativa da necessidade da sua alta capacidade técnica e experiência para por em prática os projetos ligados a sua pasta, na mesma secretaria que havia começado a sua trajetória no serviço público.

Em dezembro de 1958 através de decreto número 20.432 de 02 de dezembro de 1958, o governo Lupion reconheceu os serviços prestados por Enedina à sociedade paranaense e foi incorporado um ano à sua carreira profissional como gratificação por não ter se afastado dos serviços públicos no período compreendido entre julho de 1942 e julho de 1952. Ainda, foi

---

<sup>40</sup> Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, na sessão de 16 de maio de 2006 nas comemorações do 80º aniversário do Instituto de Engenharia do Paraná. Artigo Disponível em: < [http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/wp-content/discursos/iep\\_80anos.pdf](http://www.rafaelgreca.org.br/blog1/wp-content/discursos/iep_80anos.pdf)>, acesso em 09 janeiro 2013, às 16:50 h.

concedido nesta nova gestão do governo Lupion um acréscimo de um quarto, ou seja, 25% sobre os vencimentos de Enedina retroativos a 16 de julho de 1956, data quando a mesma completou vinte e cinco anos no serviço público através de outro decreto de número 25.881 de 22 de outubro de 1959.

Em outubro de 1960<sup>41</sup>, Moisés Lupion antes de sair do governo do estado assegurou à Enedina um vencimento equivalente ao de promotor público do estado<sup>42</sup>. Em 02 de outubro de 1961 é sancionado o Decreto 4.098 em que a Secretaria da Educação e Cultura resolve revogar o decreto 1.020 de 15 de março de 1956 que transferiu a engenheira para a educação e a mesma retorna para a SVOP, DAEE.

Antes da aposentadoria de Enedina Alves Marques na SVOP em 6 de abril de 1962, foram incorporadas vantagens em seu salário, então correspondentes aos dos Procuradores da Consultoria Geral do Estado. Em 1961, o Governador Ney Braga, assinou no mesmo dia, três decretos de lei<sup>43</sup> sucessivos dentre aos quais foram incorporados um ano ao acervo trabalhista de Enedina correspondente ao período de julho de 1952 a julho de 1961. Para além destas medidas de reconhecimento pelos serviços prestados por Enedina para a sociedade paranaense, foram incorporados de forma retroativa adicionais de 10% sobre os vencimentos que se referia ao decreto número 20.432 de 02 de dezembro de 1958.

Enedina Alves Marques desde 16 de julho de 1961, data em que completou 29 anos de servidora pública, percebia proventos que totalizavam Cr\$ 803.520,00 anuais e integrais, valores que basearam a sua aposentadoria. Após vinte anos da sua aposentadoria no estado aconteceu a sua morte e a sua parenta recebeu o último provento em 1981.

A pesquisa observou que a trajetória profissional no estado de Enedina Alves Marques no seu início foi de estagnação, professora normalista, após a diplomação em engenharia civil houve uma valorização profissional nos setores ocupados. Na primeira década, foi estancada a função exercida, uma pequena mudança de cargo pontual de professora 2ª classe para professora padrão H. Na segunda década, após a sua saída da Faculdade de Engenharia do Paraná é visto que a mesma começou a ser reconhecida profissionalmente, inicialmente como Auxiliar de Engenharia para ser classificada como Engenheira classe Q.

---

<sup>41</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ: FICHA FINANCEIRA FUNCIONAL de Enedina Alves Marques.

<sup>42</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PRANÁ: Conforme lei publicada no Diário Oficial do Estado nº 284, de 17/02/1960, esta lei assegurava vencimentos equivalentes ao do promotor público da 1ª Consoante a competência “inserta” no artigo 3º do mesmo diploma legal. Aproximadamente um ano depois é sancionada uma nova Lei a 4328, em 17 de janeiro de 1961, que assegurou o direito a percepção aos vencimentos e demais vantagens correspondentes ao dos Procuradores da Consultoria Geral do Estado, esta novo ato foi aplicado em 16 de setembro de 1961 durante a gestão do governador Ney Braga.

<sup>43</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ: Diário Oficial do Estado 7555/1961, 7556/1961, e 7557/1961.

Finalmente, no início da terceira década, foi solicitada para chefiar o serviço de Engenharia da Secretaria de Educação, isto, aliado aos interesses políticos dos governantes, como reconhecimento aos serviços técnicos e específicos prestados ao governo anterior que ajudou ao retorno do governador ao poder, o plano da Usina Hidrelétrica Capivari Cachoeira. Em vários os momentos das duas últimas décadas, foi notado uma série de benefícios na carreira, os quais permitiram a Enedina uma ascensão profissional, econômica e inserção no meio social local.

### 3.4 RETALHOS DAS MEMÓRIAS DE ENEDINA

A construção das reminiscências de Enedina Alves Marques, prioritariamente, tornou-se possível através dos estudos de Octávio Ianni, “As Metamorfoses do Escravo”, 1950, e do esforço de Maria Nicolas, “Pioneiras do Brasil”, 1977, com os depoimentos da própria Enedina a partir da sua visão de mundo.

A trajetória de Enedina Alves Marques pode ser relatada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual ela foi vivida. Conforme Michael Pollak é possível que uma, "memória enquadrada", uma história de vida seja adquirida por meio da entrevista oral, um resumo condensado de uma história social individual (POLLAK, 1992, pp. 200-212). Entretanto, o mesmo vê que as variações de uma história de vida se dão de forma limitadas, pois, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais característicos de uma memória aceitável e de um sentido de identidade assegurados (POLLAK, 1989, pp. 3-15).

A visibilização negativa da imagem de Enedina através da midiatização com a divulgação da sua morte, em situação misteriosa e suspeita, no seu apartamento na primeira página do Jornal Diário da Tarde, 28/08/1981, despertou interesse pela construção da sua memória. O sensacionalismo da manchete provocou uma reação dos seus pares, os engenheiros iniciaram a solidificação do nome Enedina Alves Marques. Desta vez, o Jornal Gazeta do Povo comunicou em uma nota do Instituto de Engenharia do Paraná, (IEP), o seu falecimento por morte natural e enalteceu os seus dotes morais e o seu profissionalismo.

Instituto de Engenharia do Paraná

NOTA OFICIAL

Com pesar comunicamos aos nossos associados o falecimento, por MORTE NATURAL, da engenheira Enedina Alves Marques, a primeira mulher a diplomar-

se pela nossa extinta FACULDADE DE ENGENHARIA DO PARANÁ. De origem humilde, professora normalista pela ESCOLA NORMAL DE CURITIBA, profissional de engenharia civil, impôs-se à comunidade pelos seus dotes morais que lhe grangearam largo círculo de amizades. Reprovamos, também, com veemência, o injustificado sensacionalismo emprestado ao fato.

Curitiba, 28 de agosto de 1981

Presidente Eng.º Luiz Carlos Pereira Tourinho (Jornal Gazeta do Povo, 30/08/1981, p. 2).

Eleny recorda os últimos momentos com Enedina:

ela era a madrinha da minha filha [...] paparicava bastante a afilhada [...] toda terça feira ela estava lá em minha casa e ficava até à noite, quando ela foi fazer a última viagem ela foi à casa de uma amiga dela em Florianópolis, eu disse Enedina você não vá você não está bem, você fique aqui em casa, ela viajou, voltou antes e não apareceu no aniversário da afilhada então ficamos preocupados, ela já estava morta, já havia falecida (ELENY, 2009).

Após três meses da morte de Enedina, a articulação entre a memória e história prosseguiu a respeito da sua vida privada e dos seus feitos profissionais em breves históricos nos jornais de classe, revistas curitibanas, livro e artigos acadêmicos. Em maio de 1982, a Câmara Municipal de Curitiba justificou e aprovou o projeto de lei que deu nome a uma das vias pública da cidade, na Vila Oficinas, bairro Cajuru.

Em 1945, “para honra e glória da mulher paranaense logrou aprovação com o grau de Engenheira Civil, tendo com isso, sido a Primeira Engenheira no Estado do Paraná”<sup>44</sup> (Decreto Lei, 692, 1982). A Câmara de Vereadores de Curitiba, 1988, deu manutenção à memória de Enedina e emprestou o seu nome mais uma vez ao memorial da abolição no país com mais noventa e nove outras pessoas negras, lembradas, que contribuíram para o progresso do município e do estado. O monumento está instalado frente ao prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade esquina com a Rua XV de Novembro.

As características negativas atribuídas às pessoas escravizadas na sociedade senhorial, não isentaram Enedina do estigma de ser uma mulher negra e continuou presente nos lugares sociais por onde Enedina trilhou numa sociedade de classes, a capitalista, após aquisição da ascensão econômica, social e aposentadoria em Curitiba.

No ano 2000, as historiadoras Pura Bandeira e Iara Macêdo (BANDEIRA e MACÊDO, 2000, pp. 80-81), em artigo para a Revista CREA-PR, destacaram a atuação de

---

<sup>44</sup> ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA: Conforme Indicação nº 112/ 1982 em 19 de maio de 1982 do Vereador Santiago Losso e Ofício nº 693/1982- DL enviado e aprovado pelo executivo municipal, Prefeito Jaime Lerner, a lei entrou em vigor em 20 de outubro de 1982.

Enedina na iniciativa privada e secretarias de governo. Neste trabalho, é valorizada a sua capacidade técnica e a adaptabilidade ao segmento da engenharia civil. Neste mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Curitiba em parceria com o Clube Soroptimista Internacional<sup>45</sup> inaugurou um Memorial à Mulher Pioneira do Paraná, com os nomes de Enedina e mais 52 mulheres que lutaram pela melhoria da qualidade de vida do povo paranaense e dos seus descendentes, o qual está localizado na Avenida Nossa Senhora da Luz, Hugo Lange.

Em seu relato Eleny afirma que Enedina aos 49 anos, após a aposentadoria buscou acessar diferentes espaços na cidade em busca de afirmação social.

Ela tinha muitas amigas da sociedade, a família Chechena, Leprevost<sup>46</sup>, Bussi, mas ela gostava mais de ficar no meio dos homens prá jogar o seu baralho [...], ela também se introduziu no grupo de pessoas com mais posses, ela achava que tinha o direito de aparecer, ela fez parte do Clube Soroptimista, na época muitas mulheres fizeram pouco dela, ai ela mesmo vinha e contava, era assim que fulana fez, elas faziam pouco caso dela por causa da cor, pois ela se metia lá no meio e elas achavam que não devia, pois tinham algumas Soroptimista da época que humilhava ela. Muitas a aceitavam, a Thasilia Leprevost, era médica e muito amiga dela, a filha dela também foi afilhada da Enedina (ELENY, 2009).

Enedina compartilhou do Centro Paranaense Feminino de Cultura<sup>47</sup> (CPFC), citada em várias atas durante anos e no Livro de Ouro. Neste local, em diversos eventos, ela participou de inúmeras atividades como membro do Clube Soroptimista de Curitiba. Outras vezes, na qualidade de doadora de presentes em época natalina para os Postos de Puericultura de Curitiba. Ainda, consta que foi responsável pela inauguração da sala Eleonor Roosevelt na Biblioteca Pública do Paraná e pela construção e inauguração da creche Leonor Castellano, outra vez, presenciou o lançamento do livro “Meu Diário” de Luiza Dorfmond em 1969.

Em 2006, Enedina Alves Marques foi homenageada ao ser inserida no “Livro do Mérito do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura”<sup>48</sup>, CONFEA, existente desde o século XIX, com homenagens aos engenheiros José Maria da Silva Paranhos (Visconde do

<sup>45</sup> Enedina Alves Marques fez parte da instituição Clube Soroptimista Internacional criado nos Estados Unidos em 1921, fundado no Paraná em 21 de março de 1957, uma organização mundial de mulheres empreendedoras, profissionais liberais e de negócios que prestam serviços voluntários, sem fins lucrativos e desenvolve projetos de serviço à comunidade, e que se dedica à promoção dos Direitos Humanos e do Estatuto da Mulher. Entre as causas defendidas pelo grupo, está o combate da violência contra a mulher e a garantia ao mercado de trabalho. Acessado em 20 jan 2013, às 18:00 hs. Disponível em: < [http://www.cmc.pr.gov.br/ass\\_det.php?not=16624](http://www.cmc.pr.gov.br/ass_det.php?not=16624)>.

<sup>46</sup> Joram Leprevost foi formando com a Enedina em 1945, portanto, é possível que a amizade tenha sido construída já na época da faculdade.

<sup>47</sup> ARQUIVO CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA: Livro de Ouro, 1963-1972.

<sup>48</sup> Livro do Mérito do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura, CONFEA, foi criado pela Resolução nº 118, de 11 de novembro de 1958. O mesmo contém 95 folhas numeradas seguidamente de 1 a 95 e serve para inserir os nomes dos engenheiros e arquitetos de notável mérito já falecidos. Disponível em: < <http://www.confea.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=1237>>, 23 jan 2013, às 12:00hs.

Rio Branco), Alfredo D'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), André Rebouças, bem como, alguns dos seus professores da FEP, reconhecidos pelos serviços prestados à sociedade paranaense: Lisímaco Ferreira da Costa, Flávio Suplicy de Lacerda, Pedro Viriato Parigot de Souza. Neste momento, O Jornal do IEP deu destaque, novamente, ao seu pioneirismo no setor tecnológico a frente dos levantamentos topográficos e construção da Usina Hidroelétrica Parigot de Souza (ZARUCH, 2006, p. 16).

Ainda em 2006, a responsável pela fundação do Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, (IMNEAM), com sede em Maringá no estado do Paraná, Aracy Adorno Reis relatou que a primeira mulher engenheira da FEP, "Enedina é um ícone, uma motivação para buscarmos sempre mais" e, precisa ser lembrada (JORNAL O DIÁRIO, 2006, p.2).

Com isso, e de posse de todo acervo documental escrito e oral sobre Enedina Alves Marques, é possível verificar uma exigência dela em se auto afirmar pessoa simples, bem sucedida mas, em grande medida, distanciada da sua origem simples.

Entretanto,

ela convivia bem com a família dela, ela tinha uma sobrinha que às vezes ia lá em casa, [...] um irmão que depois morou com ela ia sempre lá em casa, a mãe dela ia sempre, mas ela era contra família dela porque ela achava que eles eram uns vagabundos, pra dizer bem claro porque só ela teve esta vida, estudou, se esforçou e eles por serem homens não tinham tido essa força de vontade de ir pra frente, ela ajudava a eles e tudo, tinha também um sobrinho que ela incentivava, outros formaram, mas o resto não sei. Ela incentivava muito ela pagava os cursos pra eles. Ela ajudava muito a eles, mas ficava revoltada pela situação que eles não se empenhavam em melhorar (ELENY, 2009).

Dificuldade, em grande medida, ao não compreender a falta de interesse dos parentes e amigos de infância da educação formal como meio de ascensão social. A forma severa de lidar com os seus alunos e mesmo os seus comandados nos espaços de trabalho,

[...] ela não aceitava casar com homens de cor ela teve namorados, teve negros e brancos, ela tinha pretendentes teve um branco que uma vez ela estava muito empolgada, mas ele era muito safado, não deu certo, a gente avisou a ela: Enedina esse ai não tá dando certo é melhor você cair fora, mas ela não tinha assim vontade de casar mesmo não. Para ela nós quatro, os meus irmãos, éramos os filhos dela, tanto que no dia do enterro nós quatro levamos o caixão dela, não deixamos ninguém pegar, ela era a nossa mãe preta (ELENY, 2009).

Na intimidade confessou à amiga, que mesmo com todas as conquistas intelectuais, materiais e sociais a sua verdadeira aversão em ser negra,

[...], ela tinha o verdadeiro pavor em ser negra, ela não se aceitava, ela dizia assim, se eu tivesse uma coisa que me clareasse eu ia passar [...], ela não gostava de ser negra tanto que ela cortava o cabelo bem curto e usava perucas, isso é pra não ficar com cabelo pixaim, porque ela dizia que sofria muito preconceito por causa da cor dela. Mesmo ela tendo estudado e ter sido engenheira muita gente não aceitava ela pela da cor, então ela sofria e sofria bastante, agora a gente como era acostumada com ela pra gente não tinha diferença, como não tenho até hoje com ninguém. Para nós ela era igual não tinha problema, ela era discreta se tivesse algum motivo para ela falar ela falava, mas ela preferia ficar na dela (ELENY, 2009).

A indiferença e a invisibilidade lançada pela sociedade curitibana à Enedina a conduziram ao desprezo da própria imagem e estética, ainda que tivesse muitos amigos. Chegou a possuir um acervo de doze perucas com cabelos lisos, joias, roupas e casacos de peles importados comprados nas suas viagens desacompanhadas em torno do mundo como a Europa, Oriente Médio e Ásia.

Erving Goffman observa que a sociedade estabelece os meios de caracterizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. É também afirmado que a forma do grupo superior ver o grupo marginalizado é resultado de uma ideologia criada por aquele que se crê legítimo pertencente ao meio. Assim é explicada a inferioridade do outro que está sujeito às classificações e as submissões sociais (GOFFMAN, 1975, pp. 11-12).

Os padrões que ele incorporou da sociedade maior, tornam-se intimamente suscetível aos que os outros veem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser (GOFFMAN, 1975, p. 17).

No caso da Enedina, os estigmas lhes foram atribuídos, às vezes, de maneira tão implícita sutil pelos meios que transitou, inclusive no ambiente acadêmico, mesmo que tenha sido algo absurdo e não harmônico com a sua realidade, que marginalizada incorporou ou reforçou esses padrões de inferioridade impostos. Na opinião de Frantz Fanon é o racista que cria o inferiorizado (FANON, 2008, p. 90).

O apartamento com 500m<sup>2</sup> de área que ocupava todo o 12º andar do edifício Lido no centro de Curitiba, local que foi encontrada morta, era o seu refúgio e espaço para receber os amigos quase sempre sozinha e pronta para ajudar quem a procurasse. “Ela estava sempre

pronta para ajudar a minha mãe que era dona de casa, nas costuras, no almoço, no arrumar da casa depois que casei um dia ela chegou à minha casa e havia umas goteiras e ela reclamou com o meu marido e foi consertar” (ELENY, 2009). “[...] Ela ajudou a minha mãe fazer o meu vestido de casamento, ela ajudava a gente em casa e em toda a parte, ela sempre estava lá, (a voz vai sumindo, se emocionou e chorou)” (ELFRIDA, 2011).

Otávio Ianni percebe que, em grande medida, sem a possibilidade de ter bloqueada, totalmente, a ascensão social do negro na nova sociedade de classes, a elite paranaense não possuía mais o *status* jurídico capaz de fixar a distância social entre as pessoas. As marcas raciais foram reelaboradas através da estética, estereótipos, avaliações negativas e em atitudes que buscam privá-la em seus movimentos e vão afastando-a dos diferentes meios de convivência sociais dominados, sobretudo pelos brancos (IANNI, 1988, p. 161). Neste caso, cria-se a convicção de que o mundo mental e moral dos negros, sobretudo da Enedina, mulher negra é diferente da mulher branca e de que ambas participam de culturas diversas, uma das qual inferior à outra. O fato de Enedina ter ascendido socialmente não implicaria, necessariamente, que ela não sofreria preconceitos e discriminação de gênero e racial nos espaços frequentados.

No Brasil a partir da década de 1930, a ideologia da democracia racial ganhou força e foi adotada com muito entusiasmo pela população, a proposta era apresentar dados substantivos que comprovassem essa tese. O que possuía no país era preconceito de classe, o preconceito racial era apenas um ingrediente do preconceito de classe, tese decorrente de análises oriundas das obras de Gilberto Freyre, sobretudo em *Sobrados e Mocambos* e *Casa Grande e Senzala* onde é continuada a construção da ideia de nação a partir de um horizonte romanceado. Nestes modelos segundo Walter Benjamin o exemplo individual é priorizado em detrimento da narrativa para a construção da memória (BENJAMIN, 1936, pp. 196-221).

No caso da Enedina, mesmo na maioria das vezes, o que fica evidente é a negação da discriminação, o que não significa que a mesma não tenha sofrido preconceitos nos diferentes espaços frequentados e que os seus efeitos vão afastando-a das suas origens e ela vai se auto branqueando socialmente e passa a negar cada vez mais uma identidade de mulher negra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enedina Alves Marques desafiou os padrões acadêmicos e sociais ao escolher uma profissão pouco usual para as mulheres. Durante todo o processo de pesquisa foram surgindo questões sobre o que parecia fato comum, por ser a universidade um espaço para produzir, disseminar o conhecimento e, em grande parte, criar redes de sociabilidades: porque, de modo geral, as mulheres negras durante a sua vida acadêmica foram invisibilizadas ou possuem uma menor notoriedade quanto aos feitos comparados aos homens e as mulheres brancas?

As respostas para esta pergunta e outras que foram problematizadas serviram como mola propulsora para desvendar, enquadrar e dar manutenção à memória de Enedina Alves Marques por meio das fontes e do referencial teórico-metodológicos utilizados. A partir da trajetória de vida de Enedina Alves Marques foi possível encontrar resultados que demonstraram que é um equívoco pensar que as mulheres negras acadêmicas não obtiveram a visibilidades e notoriedade que os homens e mulheres brancas possuem por não serem inteligentes ou, então, incompetentes para alcançarem o reconhecimento da sociedade.

A investigação concluiu que desde a fundação da Faculdade de Engenharia do Paraná em 1912 até 1940, duas pessoas negras haviam sido diplomadas pela instituição e estas também foram anônimos comparados aos engenheiros brancos na sociedade paranaense. Ocorria na instituição o desejo de dar continuidade na formação de acadêmicos de engenharia e notoriedade às pessoas oriundas da elite paranaense. Enedina, uma mulher pobre e negra, assim como Octávio de Alencar Lima e José Nelson da Rocha, ao passarem pela FEP estiveram fora do seu lugar social. Neste espaço acadêmico, o mecanismo mais hábil de distinção era a posse de capital sócio econômico, cultural e étnico. Enedina ao adentrar e permanecer ocupando um lugar na FEP teve que jogar com as regras impostas, “as trocas simbólicas”, as funcionalidades, ao jogo, dentro e fora do espaço acadêmico.

A pesquisa encontrou nos seus resultados mostras de tratamento diferenciado da instituição com os seus acadêmicos ainda que, com a conseqüente diplomação de todos. Nestes, foram localizados que durante a trajetória de Enedina Alves Marques com mais três acadêmicos de engenharia da FEP<sup>49</sup>, em diferentes momentos, ocorreram privilégios dos

---

<sup>49</sup> ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. Pastas: 1348/1326/801/539 respectivamente.

demais estudantes em comparação à mesma. Os estudantes de sexos diferentes brancos com influências no meio social paranaense e mais um estudante do sexo masculino foram beneficiados.

Os resultados apontam ainda que, a partir do padrão normativo homem, classe social superior e branco levou vantagem sobre todas as outras pessoas, em seguida, apareceu à prerrogativa da mulher classe social superior e branca sobre o homem negro com padrinho na instituição e, por fim, o proveito do homem trabalhador negro apadrinhado sobre a mulher negra, ou seja, o lugar social de cada aluno estava definido pela instituição. Também, as relações de sociabilidades e poder que foram construídas surgiram em meio a disputas no campo sociopolítico, foram estratégias utilizadas para a construção do conhecimento e do saber no interior da FEP quando da passagem de Enedina entre 1940 e 1945.

Assim, os grupos dentro da instituição estavam hierarquizados através da classe social, da etnia, do gênero e das relações de poder. A pessoa que fala, e o lugar de onde ela vem tiveram, sim, influência durante a trajetória de Enedina no curso de engenharia civil na FEP com consequências que ajudam na manutenção do *status quo* no espaço acadêmico e repercute no mundo do trabalho e, conseqüentemente, na distinção da sociedade paranaense. Entretanto, as dificuldades enfrentadas durante a trajetória acadêmica de Enedina na FEP não a impediram de tornar-se a primeira engenheira diplomada na região sul do país, e a primeira engenheira negra do Brasil.

Outros dados foram observados: o fato de Enedina ter o seu tempo na instituição prorrogado em mais um ano, gerou um custo financeiro adicional de 20 % maior para conclusão do curso que a dos outros alunos comparados. Foi observado ainda que de certa forma, as baixas avaliações constantes no seu histórico acadêmico podem ter prejudicado a sua entrada no novo mercado de trabalho na condição de engenheira, já que o critério de desempate nos concursos públicos para ingresso na nova carreira profissional eram os históricos acadêmicos fornecidos pela faculdade e chancelado pelo conselho de classe, no caso CREA-Pr. Talvez, daí o prazo de cinco anos para a mesma ser classificada como Engenheira na Secretária de Estado que esteve lotada.

A capacidade técnica de Enedina pelos serviços prestados à sociedade paranaense foi reconhecida no campo político durante a passagem, por duas vezes, de Moisés Lupion no governo do Estado do Paraná. No novo espaço profissional, Enedina construiu redes de sociabilidades e de trabalho que a recompensaram profissionalmente através de decretos e

dispositivos legais. Este novo tecido sócio profissional lhe rendeu benefícios que a conduziram a uma aposentadoria com proventos equivalentes ao de Procuradora de Estado do Paraná. Entretanto, ainda que, inserida na elite intelectual de Curitiba e desenvolvendo serviços de voluntariada, Enedina continuou sofrendo preconceitos e discriminação racial por parte dos seus novos pares.

## **FONTES**

As fontes escritas foram obtidas nas obras: Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná, (Nicolas, 1977), Fatos e Reminiscências da Faculdade (Puppi, 1986), Metamorfoses do Escravo (Ianni, 1986), Jornal Diário da Tarde e Gazeta do Povo na Biblioteca Pública do Paraná; documentos em Históricos, Assentamentos Escolares, Requerimentos de Matrículas, Provas Parciais, Vida Escolar Superior, Fichas de Aprovações, Requerimento de exames de 2ª época, Comprovantes de pagamento de mensalidades, Diplomas de Engenheiros Civil, Atestados de bons antecedentes, Atestados de Sanidade física e Mental, Certidões de Nascimento etc. nos Arquivos do Setor de Tecnologia da UFPR; Certidão de Óbito, Ofícios e Processos Municipais na Câmara Municipal de Curitiba; Certificado de Exame do Ginásio Novo Ateneu, Requerimentos de Matrículas, Relatório do Curso Complementar, Mapa das Aulas dadas do Curso Complementar, Comprovantes de pagamentos de Taxas do Ginásio Paranaense e jornais nos arquivos do Colégio Estadual do Paraná, além de artigos e documentos escritos encontrados em diversas instituições: Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, Arquivo Público do Paraná, Departamento de Estradas de Rodagem, Instituto de Engenharia do Paraná, Fundação Cultural de Curitiba e Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura.

### Entrevistas:

Adelino Alves da Silva, em 12 de abril de 2011 entre 16h00 e 17h50, no Instituto de Engenharia do Paraná, (IEP), na Rua Emiliano Pernetta 174, Curitiba-Pr.

Elfrida Elisabeth Schierman Sickael em entrevista realizada em 26 de novembro de 2011, entre 15h00 e 16h30, na Rua Santa Madalena Sofia Barat 190, Bairro Alto, Curitiba-Pr.

Eleny Heibel Goncho em entrevista com vídeo para Paulo Munhoz e Sandro Fernandes, Documentário: A Engenheira. Em 5 de novembro de 2009 na TECNOKENA – Curitiba.

## **LOCAIS DE PESQUISA**

Biblioteca do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - UFPR.

Biblioteca do Setor de Tecnológica - UFPR.

Biblioteca Pública do Paraná.

Colégio Estadual do Paraná.

## **TIPOLOGIA DAS FONTES**

### Arquivos da Câmara de Vereadores de Curitiba:

Certidão do Óbito. Cartório do 2º Ofício. Curitiba, 28 de setembro de 1981.

Proposição. Indicação 112/82. Curitiba, 19 de maio de 1982.

Ofício Nº 693/ 82- DL. Curitiba, 31 de agosto de 1982.

Ofício Nº 552/ 82- ATL. Curitiba, 20 de setembro de 1982.

Projeto de Lei. Curitiba, 20 de outubro de 1982.

### Arquivo do Gymnásios Paranaense:

Novo Ateneu. Certificado de Exame da 5ª série. Curitiba, 14-02- 1938.

Paranaense, Externato. Curso Complementar C. Curitiba, 04-12-1939.

\_\_\_\_\_. Requerimento de Matrícula. Curitiba, 12-03-1938.

\_\_\_\_\_. Requerimento de Matrícula. Curitiba, 09-03-1939.

\_\_\_\_\_. Certificado de Promoção 1ª série. Pré-Engenharia. Curitiba, 09-03-1939.

\_\_\_\_\_. Característicos. Curitiba, 04-12-1939.

\_\_\_\_\_. Taxa de matrícula do Gimnásio. Curitiba, 14-03-1938.

\_\_\_\_\_. Taxa de matrícula do Gimnásio. Curitiba, 14-03-1938.

\_\_\_\_\_. Taxa de matrícula do Gimnásio. Curitiba, -03-1939.

\_\_\_\_\_. Boletim de Médias de Arguições e trabalhos Práticos. Curitiba, maio de 1938.

\_\_\_\_\_. Relatório do Curso Complementar meses de Janeiro a Março. Curitiba, 1938.

\_\_\_\_\_. Grade Horaria do Curso Complementar Pré- Engenharia C Noturno. Curitiba, 15-03-1939.

\_\_\_\_\_. Relação dos Professores do Curso Complementar de 1939. Curitiba, 1939.

\_\_\_\_\_. Boletim de Frequência do Curso Complementar, mês de julho de 1939. Curitiba, 1939.

\_\_\_\_\_. Discriminação de matéria lecionada do Curso Complementar. Curitiba, 14-08-1939.

\_\_\_\_\_. Boletim de Médias de Arguições e trabalhos Práticos, 2ª série C. Curitiba, agosto de 1939.

\_\_\_\_\_. Mapa das Aulas dadas do Curso Complementar, Curitiba, agosto de 1939.

#### Arquivos da UFPR:

Ginásio Paranaense. Certificado de promoção do 2ª série do Curso Complementar. Curitiba, 16 de dezembro de 1939.

Universidade do Paraná. Escola de Engenharia. Vida Escolar. Matrícula N° 539. Curitiba, 1946.

\_\_\_\_\_. Histórico Escolar. Matrícula N° 539. Curitiba, 1946.

\_\_\_\_\_. Ficha N° 248. Curso de Engenharia, Curitiba 1940.

\_\_\_\_\_. Ficha de Aprovação N° 248. Curitiba, 1940.

\_\_\_\_\_. Vida Escolar Superior. Matrícula N° 539. Curitiba 1944.

\_\_\_\_\_. Vida Escolar Superior. Matrícula N° 539. Curitiba 1943.

\_\_\_\_\_. Vida Escolar Superior. Matrícula N° 539. Curitiba 1942.

\_\_\_\_\_. Vida Escolar Superior. Matrícula N° 539. Curitiba 1941.

\_\_\_\_\_. Vida Escolar Superior. Matrícula N° 539. Curitiba 1940.

\_\_\_\_\_. Provas Parciais 5º ano. Curitiba, 18 de junho de 1945.

\_\_\_\_\_. Provas Parciais 5º ano. Curitiba, 13 de novembro de 1945.

\_\_\_\_\_. Provas Parciais 5º ano. Curitiba, 2 de dezembro de 1945.

\_\_\_\_\_. Provas Parciais 4º ano. Curitiba, 27 novembro de 1944.

\_\_\_\_\_. Requerimento de Matrícula. Curitiba, 10 de março de 1945.

\_\_\_\_\_. Requerimento de 2ª época. Curitiba, 22 de fevereiro de 1945.

\_\_\_\_\_. Provas Parciais 4º ano. Curitiba, 10 de novembro de 1944.

\_\_\_\_\_. Provas Parciais 4º ano. Curitiba, 10 de junho de 1944.

\_\_\_\_\_. Provas Prática 4º ano. Curitiba, 17 de maio de 1944.

\_\_\_\_\_. Certidão para efeito de Matrícula. Curitiba, 13 de março de 1944.

\_\_\_\_\_. Requerimento de Matrícula. Curitiba, 10 de março de 1943

- . \_\_\_\_\_ . Requerimento de 2ª época. Curitiba, 19 de fevereiro de 1944.
- \_\_\_\_\_ . Provas Finais 3º ano. Curitiba, 29 de novembro de 1943.
- \_\_\_\_\_ . Provas Parciais 3º ano. Curitiba, 13 de novembro de 1943.
- \_\_\_\_\_ . Provas Parciais 3º ano. Curitiba, 9 de junho de 1943.
- \_\_\_\_\_ . Requerimento de Matrícula. Curitiba, 10 de março de 1943.
- \_\_\_\_\_ . Certidão de Aprovação. Curitiba, 12 de março de 1943.
- . \_\_\_\_\_ . Requerimento de 2ª época. Curitiba, 12 de fevereiro de 1943
- \_\_\_\_\_ . Provas Finais 3º ano. Curitiba, 28 de novembro de 1942.
- \_\_\_\_\_ . Provas Finais 3º ano. Curitiba, 12 de novembro de 1942.
- \_\_\_\_\_ . Provas Parciais 3º ano. Curitiba, 10 de junho de 1942.
- \_\_\_\_\_ . Requerimento de Matrícula. Curitiba, 10 de março de 1942.
- \_\_\_\_\_ . Certidão de Aprovação. Curitiba, 12 de março de 1942.
- \_\_\_\_\_ . Comprovante de pagamento de mensalidade. Curitiba, 10 de outubro de 1942.
- . \_\_\_\_\_ . Requerimento de 2ª época. Curitiba, 19 de fevereiro de 1942.
- \_\_\_\_\_ . Provas Finais 2º ano. Curitiba, 29 de novembro de 1941.
- . \_\_\_\_\_ . Requerimento de 2ª época. Curitiba, 28 de maio de 1941.
- \_\_\_\_\_ . Requerimento de Matrícula. Curitiba, 10 de março de 1941.
- \_\_\_\_\_ . Provas Finais 1º ano. Curitiba, 2 de dezembro de 1940.
- \_\_\_\_\_ . Requerimento de Matrícula. Curitiba, 9 de março de 1940.
- \_\_\_\_\_ . Certidão de Aprovação. Curitiba, 15 de março de 1940.
- \_\_\_\_\_ . Requerimento de Matrícula Vestibular. Curitiba, 9 de março de 1940.
- \_\_\_\_\_ . Diploma de Engenheiro Civil. Curitiba, 16 de dezembro de 1945.
- \_\_\_\_\_ . Serviço de Vacinação Antivariola. Curitiba, 20 de dezembro de 1939.
- \_\_\_\_\_ . Ficha de Identificação. Curitiba, 13 de julho de 1950.
- \_\_\_\_\_ . Registro Civil. Curitiba, 11 de março de 1938.
- \_\_\_\_\_ . Atestado de bons antecedentes. Curitiba, 2 de fevereiro de 1940.
- \_\_\_\_\_ . Declaração de conclusão da 5ª série. Curitiba, 9 de março de 1940.
- \_\_\_\_\_ . Atestado e Sanidade física e Mental. Curitiba, 20 dezembro de 1940.

Ainda documentos idênticos aos itens anteriores de: Adelino Alves da Silva, M L S e M F G nas pastas números 801, 1326 e 1348 respectivamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo. Ed.: Ática, 1989.
- BANDEIRA, Pura. D.; MACEDO, I. Enedina Marques, a pioneira. Curitiba. Revista CREA-PR, n. 10, Set/2000.
- BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem**. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: O Narrador Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov**. Rio de Janeiro, Ed.: Brasiliense. 1936.
- BONI, Maria Ignês M. de. **O espetáculo visto pelo alto; vigilância e punição em Curitiba, 1820-1920**. São Paulo. Departamento de História da USP tese de doutorado.
- BOSCHILIA, Roseli T. **Condições de Vida e Trabalho: A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)**. Curitiba. Dissertação de mestrado UFPR. 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Le capital social. Actes de la Recherche in Sciences Sociales**. Paris, n. 31, 1980.
- \_\_\_\_\_. Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BUENO, Wilma de Lara. **Uma Cidade Bem Amanhecida: Vivência e Trabalho das Mulheres Polonesas em Curitiba**. Curitiba. Ed. Aos Quatro Ventos. 1999.
- BURKE, Peter. **História cultural: passado, presente e futuro**. In: \_\_\_\_\_. O Mundo como teatro: estudos de antropologia histórica. Lisboa: DIFEL, 1992.
- \_\_\_\_\_. Introdução. In: **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro. 2ª ed. revisada e ampliada, Jorge Zahar, 2008.
- CABRAL, Carla Giovana. **Identidades/Afinidades de Gênero na Articulação Da Antropologia Com A História da Ciência E da Tecnologia**. Santa Catarina, 2008. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2025/carla%20giovana%20cabral.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2025/carla%20giovana%20cabral.pdf)>, acesso em 11 janeiro 2013, às 14:00 hs.
- CARNEIRO, Newton. **O Paraná e a Caricatura**. Curitiba. Fundação Teatro Guaíra/ UFPR. 1975.

CARVALHO, Marília; et Cascaes, Silva e Spanger. **Pioneira na Engenharia Civil em Curitiba: Memórias de uma Trajetória Singular**. VIII Congresso Latino Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero. 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

DOSSE, Francois. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp. 2009.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2000.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Benedito Guilherme Falcão. **Gênero No Mercado De Trabalho: mulheres engenheiras**. Curitiba. Dissertação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). 2007.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. In: CARDOSO, Fernando Henrique. *Corpo e Alma do Brasil*. São Paulo. DIFEL, 1976.

FONSECA, Ricardo Marcelo; GALEB, Mauricio. **A Greve Geral de 17 em Curitiba: Resgate da memória operária**. Curitiba, IBERT. 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro. Zahar. 1975.

GOMES, Flávio. **Negros e política (1887-1937)**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2005.

HARDMANN, Francisco F. **Nem Pátria, nem Patrão: Anarquismo e anarco-sindicalismo no Brasil**. In: Maranhão, R.& MENDES JR, A. *Brasil história – texto e consulta*. São Paulo. Vol. 3 Hucitec. 1989.

IANNI, Octávio. **Metamorfoses do Escravo**. São Paulo: Hucitec Curitiba: Scientia et Labor. 1988.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. **Engenheira morta estava sem roupa**. Curitiba. 28/08/1981.

JORNAL O DIÁRIO. **Entrevista: Aracy Adorno Reis**. 18 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.odiario.com/maringa/noticia/30060/em-debate-historia-das-mulheres-negras/>>, acessado em 23 junho 2013 às 18:45hs.

JORNAL GAZETA DO POVO. **Instituto de Engenharia do Paraná: Nota Oficial**. Curitiba, 30/08/1981.

JORNAL DO GINÁSIO PARANAENSE, Externato. **Resultados Finais dos exames dos complementaristas**. Curitiba. Ano I, nº 2, Tipografia João Haupt & Cia. 15 dez 1939.

KARVAT, Erivan C. **A Sociedade do trabalho: Discursos e práticas de controle sobre a mendicância e a vadiagem em Curitiba, 1890-1933. Questão de cura?** Curitiba. Ed. Aos Quatro Ventos, 1998.

LEVI, Giovanni. **Micro-história**. In: Peter Burke (org.), *News Perspectives on Historical Writing*. Paris. 2ª ed., 1991, Cambridge, 2001, Jacques Revel (org.), *Jeux d'échelle*, 1996.

\_\_\_\_\_. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LOPES, A. M. **Enedina, A Primeira Engenheira Do Paraná**. Curitiba. *Revista Panorama*, n. 310, novembro 1981.

LORENZETTI, Fernanda. **“O Futuro paranaense em seu meio natural: a escrita de Domingos Nascimento e a produção de uma identidade ao Paraná no início do século XX”**. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, v.1, n.1, jan./jul. 2010.

Disponível em: < <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/2604/1946> >  
Acessado em 14/05/2013 às 11:00h.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

\_\_\_\_\_; REIS, Jaime. **A Colonização no Paraná**. Curitiba. *Jornal Paraná Moderno*, v.1, 11 dezembro 1910.

MILLARCH, Aramis. **Dona Maria Nicolas, a alma de Curitiba**. Curitiba. *Jornal Estado do Paraná*, em 4 de junho de 1988.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Storicismo Revisitado**. In **Fondamenti della storia antica**. Torino, 1984. p. 464. *Apud*: LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MORAES, Airton; ROCHA, Rita de Cássia G. **Historiografia e a Escravidão Africana no Paraná: alguns apontamentos**. *Revista História & Ensino*. UEL. v. 10. 2004.

NICOLAS, Maria. **Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná**. Curitiba. 1977.

PEREIRA, Magnus R. M. **Semeando Iras rumo ao progresso**. Curitiba. Editora da UFPR. 1996.

POLLACK, Michael. **"Encadrement et silence: le travail de la mémoire"**. Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade social**. Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricos*.. vol. 5, n. 10, 1992.

PRADO JUNIOR, Caio. **A Formação do Brasil Contemporâneo**. 21ª ed. Brasiliense. 1989.

PUPPI, Ildefonso C. **Fatos e Reminiscências da Faculdade**. Curitiba. Funpar. 1986.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo. 9ª ed.: Contexto. 2007.

RIBEIRO, Luís Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba: (1890-1920)**. São Paulo Dissertação de mestrado, mimeo, 1985.

SANTOS, Antônio César de A. **Memórias e Cidade; depoimentos e transformações urbana de Curitiba (1930-1960)**. Curitiba. Ed. Aos Quatro Ventos. 1999.

SÊGA, Rafael Augustos. **A Capital Belle Époque: A reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)**. Curitiba. Ed. Aos Quatro Ventos, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre. Revista Educação e Realidade, v. 16, n. 2, jul/dez. 1990.

\_\_\_\_\_. **Preface a gender and politics of history**. Campinas/ SP. Cadernos Pagu, nº. 3, 1994.

SOARES, Lucilene Aparecida. **Construir a diversidade brincando: como os jogos podem contribuir no debate étnico-racial no espaço escolar**. Curitiba. Monografia. Universidade Tuiuti do Paraná. 2009.

STRAUBE, Ernani Costa. **O Prédio do Gymnásio, 1903 – 1990**. Curitiba. SEEC, 1990.

TELLES, Pedro Carlos da Silva. **História da Engenharia no Brasil - Sec. XVI a XIX**. Rio de Janeiro. Clube da Engenharia, v.1. 1994.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRINDADE, Etelvina M. C. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República. Ideias e Mulheres**. Curitiba, Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, Judite Maria Barbosa. **O abandono de criança ou a negação do óbvio**. Revista Brasileira de História. Infância e adolescência. São Paulo. v. 19, nº 37. ANPUH. 1999.

VELLOZO, Dario; PONTES, Gustavo. **Terra das Araucárias**. Curitiba. Instituto Neo-Pitagórico. 1942.

VICTOR, Nestor. **A Terra do Futuro: A nova Curitiba**. Rio de Janeiro. Typografia do Jornal do Commercio de Rodrigues & C. 1913.

WACHOWICZ, Ruy C. **Abranches: um estudo de história demográfica**. Curitiba. Vicentinas, 1976.

ZARUCH, L.J. **A primeira engenheira**. Curitiba. JORNAL DO IEP - Instituto de Engenharia do Paraná, n. 610, Jan/Fev/2006.